



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CAMPUS SOBRAL

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS**

JÂNDER CARLOS SOARES SILVA

**INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES
ADOLESCENTES SOBRALENSES: UM DELINEAMENTO COOPARTICIPATIVO
ENTRE MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR.**

SOBRAL-CE

2025

JÂNDER CARLOS SOARES SILVA

INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES
ADOLESCENTES SOBRALENSES: UM DELINEAMENTO COOPARTICIPATIVO
ENTRE MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Ceará, campus Sobral, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Políticas Públicas. Área de Concentração: Educação e Políticas Públicas.

Orientadora: Dr.^a Natália Santos Marques

SOBRAL-CE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S58i Silva, Jânder Carlos Soares.
Intervenção em comportamento autolesivo em estudantes adolescentes sobralenses : um delineamento
cooparticipativo entre membros da comunidade escolar / Jânder Carlos Soares Silva. – 2024.
74 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação
Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Natália Santos Marques.

1. Autolesão. 2. Intervenção. 3. Escola. I. Título.

CDD 302.5

JÂNDER CARLOS SOARES SILVA

INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES
ADOLESCENTES SOBRALENSES: UM DELINEAMENTO COOPARTICIPATIVO
ENTRE MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Ceará, campus Sobral, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Políticas Públicas. Área de Concentração: Educação e Políticas Públicas.

Aprovado em :25/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Natália Santos Marques (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rodrigo da Silva Maia

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dr.^a. Artur Bruno Fonseca de Oliveira

Centro Universitário 7 de setembro

A todos que, como eu, interessa mais
amar e mudar as coisas.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me sustentar e por me dar força pra seguir, por me permitir a vida.

Ao meu pai, Manoel Ediglácio da Silva, in memoriam. De todas as partes que eu adiei desse trabalho, essa foi a que eu mais adiei, a que eu não queria escrever. Em alguma instância, torci pra não dar certo para mim, porque não deu certo pra você. Obrigado por tudo pai. Te amo e sinto muito, pela primeira vez, você não estar aqui compartilhando comigo dessa conquista.

À minha mãe, Francisca Rocha, por tudo que fez para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha companheira, Raira Cavalcante, por não me deixar desistir, por ser apoio, por ser paciente.

Às minhas amigas do mestrado, Roberta, Eliane e Dária, por terem somado forças e deixado esse processo muito mais leve e significativo.

Aos amigos e companheiros do trabalho, Márcio, Hivana e Eloyse, por facilitarem as coisas para que eu pudesse concluir, por serem solícitos.

Aos amigos Inês, Wendel, Joelba, Tatiana e Sâmia, por serem empáticos e me ouvirem nos dias de angústia com esse processo.

À minha orientadora Natália Marques, que me ensinou muito, que me ajudou muito, e que foi paciente, respeitando os dias não tão fáceis durante este ciclo.

Aos professores Rodrigo Maia e Artur Bruno, por aceitarem o convite de estarem presente em minha banca de defesa, contribuindo para a melhoria deste trabalho.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de mestrado é composto por dois artigos científicos oriundos do processo de pesquisa, inicialmente bibliográfica e seguida de estudo empírico. Também apresenta um Relatório Técnico de Assessoria, que descreve o processo de escuta e formação realizado com professores e orientadores educacionais da rede pública de educação de Sobral-CE. Iniciamos com uma introdução geral, seguida do artigo teórico que versa sobre quais intervenções a literatura já apresenta tangível ao fenômeno da autolesão. Ademais, exibimos o artigo empírico que apresenta uma intervenção para manejo da autolesão escolar, na perspectiva preventiva e interventiva. Ao final, apresentamos ainda o relatório técnico de assessoria, com descrição de resultados e avaliação do momento formativo.

RESUMO

A adolescência se caracteriza como uma fase permeada por conflitos de ordem biopsicossocial, e cada vez mais tem-se observado o aumento do comportamento autolesivo nessa faixa etária. A escola, instituição que acolhe esses adolescentes com fins pedagógicos, é também o lugar onde a autolesão será percebida e identificada com mais facilidade. O objetivo deste trabalho foi desenvolver um delineamento de intervenção compartilhada com a comunidade escolar, frente à autolesão nesse ambiente de ensino, junto a rede pública de Sobral, com alunos de ensino fundamental II de uma escola integral, com vistas à discussão e formulação de políticas públicas que atendam a contento essa demanda. Para tanto, este estudo se apresentará em duas seções: a primeira sendo teórica, a partir de revisão sistemática para análise de intervenções já discutidas na literatura. A segunda seção apresenta-se empírica, onde foram realizadas oficinas de escuta ativa e formação com alunos, professores e demais membros da comunidade escolar. Observa-se ainda dificuldades em se trabalhar a temática da autolesão, sobretudo por queixas de desconhecimento quanto ao tema, bem como a necessidade de se estruturar estratégias de manejo preventivo e interventivo, focando no desenvolvimento de habilidades de identificação e cuidado entre a comunidade escolar. Obtém-se como estratégias efetivas a formação profissional, formação de pares estudantis, a criação de equipe de referência para acolhimento no seio da escola, treino de habilidades para regulação emocional inseridos em disciplinas do currículo escolar, bem como trabalho direto com as famílias. Conclui-se que mesmo diante do escancaramento de demanda da autolesão no ambiente escolar, esse tema ainda suscita políticas públicas mais efetivas de enfrentamento.

Palavras-chave: autolesão; intervenção; escola.

ABSTRACT

Adolescence is characterized as a phase permeated by biopsychosocial conflicts, and an increase in self-harm behavior has been increasingly observed in this age group. School, an institution that welcomes these adolescents for pedagogical purposes, is also the place where self-harm will be most easily perceived and identified. The objective of this study was to develop a shared intervention design with the school community, in the face of self-harm in this educational environment, together with the public school system of Sobral, with elementary school students from a full-time school, with a view to discussing and formulating public policies that satisfactorily meet this demand. To this end, this study will be presented in two sections: the first being theoretical, based on a systematic review to analyze interventions already discussed in the literature. The second section is empirical, where active listening and training workshops were held with students, teachers and other members of the school community. There are still difficulties in working on the topic of self-harm, especially due to complaints of lack of knowledge on the topic, as well as the need to structure preventive and intervention management strategies, focusing on the development of identification and care skills among the school community. Effective strategies include professional training, formation of student peers, creation of a reference team for support within the school, training in emotional regulation skills included in subjects of the school curriculum, as well as direct work with families. It is concluded that even in the face of the obvious demand for self-harm in the school environment, this topic still raises more effective public policies to address it.

Keywords: self-harm; intervention; school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTUDO I: INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR FRENTE AO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ADOLESCENTES: UM TRABALHO DE REVISÃO SISTEMÁTICA	14
2.1 Introdução	15
2.1 Método	17
2.3 Resultados e Discussão	19
2.4 Considerações Finais	24
2.5 Referências Bibliográficas	25
3 ESTUDO II:INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES: UM DELINEAMENTO COOPARTICIPATIVO ENTRE MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR	28
3.1 Introdução	29
3.2 Método	31
3.2.1 Curso com professores e orientadores educacionais	32
3.2.2 Roda de conversa com colaboradores	33
3.2.3 Oficina com estudantes	34
3.3 Resultados e Discussão	36
3.3.1 Participação do público-alvo	36
3.3.2 Relação entre os participantes e o fenômeno da autolesão	38
3.3.3 Determinantes para o comportamento autolesivo	39
3.3.4 Sugestões de Intervenções escolares para enfrentamento da autolesão	41
3.4 Considerações Finais	45
3.5 Referências Bibliográficas	46
APÊNDICE A- RELATÓRIO TÉCNICO DE ASSESSORIA	51
ANEXO A- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	63

INTRODUÇÃO

O município de Sobral, localizado na região norte do Estado do Ceará, é considerado uma referência na educação pública. Parte desse sucesso se dá pelos resultados elevados dos estudantes em avaliações diagnósticas, tanto a nível estadual como nacional. Em 2017, tornou-se notícia por ocupar o primeiro lugar em educação no Brasil (Cruz & Loureiro, 2020).

Considerando que a escola nessa rede de ensino está inserida na proposta integral defendida pela Base Nacional Comum Curricular (tanto quanto a complexidade da formação quanto ao tempo de permanência no ambiente) e é portanto o local onde os alunos passam a maior parte do seu dia nesse contexto, há de se esperar que seja nesse lugar que os adolescentes expressem comportamentos, hábitos e atitudes; que existam.

É nesse espaço de vivências intensas, sobretudo na perspectiva do ensino fundamental dos anos finais, que alunos deixam escancarar seus medos, ansiedades, conflitos intra e interpessoais, durante a transição entre a fase infantil e adolescente. Essa transição é marcada por importantes alterações físicas, cognitivas, psicológicas e sociais, todas elas inter-relacionadas (Papalia & Martorell, 2021).

Dentre os conflitos que têm marcado a experiência de adolescentes durante sua fase escolar, destaca-se o comportamento autolesivo, caracterizado como ações deliberadas e diretas que causam danos físicos ao próprio indivíduo, sem a intenção de suicídio. Esses comportamentos podem variar em frequência e gravidade, e podem se apresentar em cortes, queimaduras ou arranhões na própria pele (Santos & Faro, 2018).

A prevalência do fenômeno autolesivo, sobretudo em adolescentes, tem ganhado proporções consideráveis nos últimos anos (Csorba, 2018). Estudo apresentado por Frazen e colaboradores (2019), por exemplo, destaca que o comportamento autolesivo tem sido o maior responsável pelo atendimento de crianças e adolescentes em emergências psiquiátricas. No Brasil, considerando a adolescência, foram registrados 30.075 casos em meninas e 11.789 casos em meninos, entre 2011 e 2016, de acordo com o Ministério da Saúde.

Por meio da Lei nº 1704/2017, Sobral criou a carreira de apoio à gestão escolar no âmbito do poder executivo, promovendo um concurso público para o cargo de orientador educacional destinado a profissionais graduados em psicologia. As atividades desse profissional abrangem desde a implementação de competências socioemocionais até o desenvolvimento de relações interpessoais, metodologias de resolução de conflitos e ações formativas, direcionadas principalmente a estudantes e professores.

É nesse contexto que o autor deste estudo adentra o campo da educação. Não demorou para constatar o exacerbado número de adolescentes, numa frequência quase diária, se engajando em comportamentos autolesivos.

Abriu-se espaço para a problematização do desempenho acadêmico como foco principal da escola, sobre as condições emocionais que perpassam a trajetória escolar dos estudantes e sobre a necessidade de se promover espaço para a produção de saúde mental contingente à disposição dos estudantes para a aprendizagem.

Este estudo justifica-se por sua importante contribuição com a própria história de desenvolvimento educacional de Sobral, uma vez que o rendimento escolar está diretamente ligado às questões emocionais dos estudantes. Não há, portanto, como fechar os olhos para o sofrimento do aluno que está se autolesionando na escola.

Apesar de consistir em uma demanda frequente, a temática ainda é tratada no cotidiano da escola como tabu, tanto por alguns profissionais da educação, quanto pelas famílias, o que pode inclusive prejudicar o acolhimento desses adolescentes. A escola tem importante papel social, sendo muitas vezes a principal ponte entre o adolescente e a rede intersetorial de cuidado.

Frente a toda esta realidade, nos cabe pensar de que maneira a escola poderia intervir em autolesão? O que os profissionais desse ambiente entendem por autolesão? Como eles têm lidado com esse comportamento dos estudantes? O que os próprios estudantes têm a dizer sobre a autolesão e sobre o papel da escola diante dessa realidade? Essas são indagações que motivaram este estudo.

O objetivo dessa pesquisa, a partir do exposto, pautou-se, inicialmente, em identificar os procedimentos metodológicos disponíveis para intervenções em comportamentos autolesivos em contexto escolar e, posteriormente, promover uma intervenção na rede municipal de educação de Sobral e região, a partir da construção colaborativa entre pesquisador e os próprios membros da comunidade escolar.

Para tanto, esta pesquisa dividiu-se em dois estudos. O primeiro voltou-se para um estudo teórico de revisão sistemática, onde se buscou na literatura quais as intervenções sugerem efeitos positivos para o trabalho com esse fenômeno no ambiente escolar.

O segundo estudo, construído a partir dos dados do primeiro, consistiu em uma pesquisa aplicada, uma intervenção envolvendo realização de curso, roda de conversa e oficina, respectivamente com professores/orientadores educacionais, colaboradores da escola e estudantes.

O curso com professores e orientadores educacionais se direcionou a profissionais da rede de educação de Sobral em geral. Já as rodas de conversa e oficinas de formação de pares com alunos ocorreram nas dependências da Escola de Tempo Integral Raimundo Nonato Linhares, inserida na mesma rede de educação, campo de trabalho do pesquisador.

Em linhas gerais, ambos estudos identificaram a necessidade de formação dos profissionais da comunidade escolar para o trabalho efetivo na prevenção e intervenção para a autolesão. Também suscitam desenvolvimento de projetos e/ou aulas que trabalhem as competências socioemocionais dos estudantes, habilidades de regulação emocional e favoreçam espaços de diálogo/escuta das demandas emocionais dos adolescentes. Apresentam ainda a necessidade de formar estudantes para contribuir no cuidado de seus pares, uma vez que nem sempre os adultos são procurados numa situação de sofrimento.

Os estudos também apontaram que ainda há uma resistência em discutir esse tema dentro da escola, e uma justificativa da falta de treinamento e embasamento teórico para subsidiar essas ações nesse contexto. Há consenso entre todos os participantes que a autolesão é um fenômeno real, presente, mas ainda negligenciado.

Para maior apropriação da pesquisa e de seus desdobramentos, os dois estudos, tanto o teórico como o empírico, serão apresentados na íntegra, a seguir, descrevendo as metodologias e os resultados em cada etapa, bem como a discussão que responde ao objetivo maior desta pesquisa. Ao final, apresenta-se ainda o relatório de assessoria realizado com professores como uma das etapas da pesquisa empírica.

INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR FRENTE AO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ADOLESCENTES: UM TRABALHO DE REVISÃO SISTEMÁTICA

Jânder Carlos Soares Silva¹
Natália Santos Marques²

RESUMO

O fenômeno da autolesão se instala como um problema de saúde pública, considerando o risco que apresenta aos seus praticantes e o aumento do número de casos nos últimos anos, sobretudo entre o público adolescente. A escola então se torna um caminho para o alcance das pessoas em trabalhos de prevenção e intervenção, com vistas a dirimir esse fenômeno. Assim, esse trabalho trouxe como objetivo a identificação de intervenções escolares frente ao comportamento autolesivo adolescente, a partir de uma revisão sistemática de literatura. A coleta bibliográfica se deu pelo Portal de Periódicos da CAPES (acesso café), entre os meses de maio e junho de 2023. Identificou-se inicialmente 108 estudos, dos quais se excluíram artigos por duplicação, e/ou que descreviam intervenções que não eram diretamente direcionadas ao comportamento autolesivo, que não atenderem aos critérios de elegibilidade do estudo em questão, que não descreveram os métodos empregados e/ou não especificaram a temática da autolesão, analisando ao final 6 documentos. Os resultados sugerem que as intervenções se encaminham para formação e treinamento de pessoas para acolher a demanda autolesiva, promoção da escuta ou treino de habilidades para regulação emocional de praticantes da autolesão e materiais orientativos para dinamização das informações sobre o fenômeno. Conclui-se que ainda são poucos os estudos nessa perspectiva, o que fomenta a relevância dessa pesquisa.

Palavras-chave: autolesão; adolescentes; escola.

SUMMARY

The phenomenon of self-injury is established as a public health problem, considering the risk it presents to its practitioners and the increase in the number of cases in recent years, especially among the adolescent public. The school then becomes a way to reach people in prevention and intervention work, with a view to solving this phenomenon. Thus, this study aimed to identify school interventions in the face of adolescent self-injurious behavior, based on a systematic review of the literature. The bibliographic collection took place through the CAPES Journal Portal (coffee access), between the months of May and June 2023. Initially, 108 studies were identified, from which articles were excluded due to duplication, and/or that described interventions that were not directly directed at self-injurious behavior, that did not meet the eligibility criteria of the study in question, that did not describe the methods used and/or did not specify the theme of self-injury, analyzing 6 documents in the end. The results suggest that the interventions are aimed at educating and training people to welcome the self-injurious demand, promoting listening or training skills for emotional regulation of practitioners of self-injury and guiding materials to dynamize information about the phenomenon. It is concluded that there are still few studies in this perspective, which fosters the relevance of this research.

Keywords: self-harm; adolescents; school.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da autolesão tem crescido de forma substancial, e se considerarmos a existência deste entre o público adolescente, dados sinalizam preocupantes marcas, como a estimativa mundial de 21% já terem se envolvido em comportamentos autolesivos (Plener et al., 2018), em uma frequência muito maior do que pais ou cuidadores supunham (Durand & McGuinness, 2015).

Entende-se a autolesão como um problema de ordem emocional e comportamental, onde os sujeitos propositalmente direcionam agressões diretas aos seus próprios corpos, com lesões na grande maioria das vezes superficiais e geralmente feitas em partes de fácil acesso visual, a exemplo dos braços, pernas, tórax e abdômen (Escobar, Arruda, De Lorena & Sobrinho, 2022).

Esses comportamentos podem se apresentar de forma crônica e causar riscos graves a quem os experimenta (Iwata et al. , 1994). Comumente as técnicas usadas para este fim são cortes com perfuro cortantes como estiletes, giletes ou tesouras, e ainda queimaduras de cigarro, arranhões e até mordidas (Arantagy, 2018).

Ainda não há consenso acerca da nomenclatura que designa esse fenômeno. Uma revisão integrativa proposta por Moreira, Vale, Caixeta e Teixeira (2020) apresentou uma síntese das produções dentro dessa temática e identificou os termos Non-suicidal self-injury (NSSI), Self Injurious Behavior e Self-Harm como mais utilizados, sendo o primeiro uma terminologia mais usual e representativa. No Brasil os termos automutilação ou autolesão são os mais comuns (Ribeiro, Leite & Couto, 2022). Indica-se ainda o uso do termo parasuicídio como sinônimo do fenômeno autolesivo na literatura brasileira (Santos & Faro, 2018; Santos & Schmidt, 2019).

A adolescência é caracterizada por um período complexo e cheio de conflitos; estamos falando de mudanças corporais e hormonais, do novo lugar social e das habilidades que este suscita na troca com os pares, das novas percepções e expressões dos sentimentos, e é muito importante reconhecer que as experiências adolescentes não devem ser automaticamente patologizadas. A compreensão da adolescência apenas como uma fase "problemática" pode contribuir para processos de patologização da juventude, distorcendo as necessidades legítimas de atenção e intervenções em saúde (Rossi, Marcolino, Speranza, & Cid, 2019).

Todavia, na mesma medida em que potencializa mudanças positivas, também apresenta possibilidades de desequilíbrio, nem sempre vivenciado de forma saudável (Silva & Siqueira, 2017). É nesse contexto, e corroborando com Jorge, Queirós e Saraiva (2015), que muitas vezes a autolesão emerge como um comportamento inassertivo (caracterização

funcional, não moralista) diante das mudanças comuns nessa fase do desenvolvimento humano. Tais comportamentos são caracterizados por gerarem danos físicos (além de emocionais) aos sujeitos que se comportam.

O comportamento autolesivo tem emergido majoritariamente com a função de alívio de sensações de vazio ou indiferença, pela fuga ou cessar de sentimentos ruins (De Sousa Colau, 2022), pela aquisição de reforço automático positivo ou negativo (Moreira, 2020), como forma de representar um conflito e um mecanismo alternativo disfuncional de enfrentamento (Fonseca et al., 2018).

Complementa-se com o estudo de Iwata, Dorsey, Slifer e Bauman (1982), quando descrevem a autolesão com função de autoestimulação em contextos de minimização de reforçamento externo, como fuga de atividades indesejáveis, necessidade de chamar a atenção de outros sujeitos e/ou resultado de contingências de desaprovação social.

Os adolescentes que se engajam em comportamentos autolesivos apresentam probabilidade até três vezes maior de desenvolverem também comportamentos suicidas (Halicka e Keiejna, 2018), o que denota um problema de saúde pública, mas também um problema das pautas educacionais, uma vez que a escola se apresenta como o contexto que escancara esse aumento de casos (Sant'ana, 2019). Estudos transversais apresentados por Dos Santos Lima (2021) em um trabalho de revisão de literatura mostram que há um risco aumentado de autolesão entre os estudantes com baixa frequência escolar, alunos com fracas conexões escolares e aqueles com atitudes negativas em relação à escola.

A escola se caracteriza como o lugar em que esse adolescente passa boa parte do seu tempo. Logo, é nesse contexto também que todos os padrões recorrentes nessa faixa etária tendem a aparecer, inclusive a autolesão. Assim, é essencial que sejam ofertadas intervenções capazes de dirimir esses comportamentos e conseqüentemente promover cuidado, apoio e acolhimento (Escobar, Arruda, De Lorena & Sobrinho, 2022).

Entretanto, uma revisão narrativa proposta por Von Mühlen e Câmara (2021) trouxe que esse tema da autolesão chega à escola como uma crise silenciosa, uma vez que nem sempre se interessa falar sobre o assunto, por vezes sob a justificativa por um desconhecimento do fenômeno, o que resulta em falta de intervenções resolutivas e conseqüente tendência dos adultos evitarem lidar com a questão. O trabalho proposto por Saraiva e Cossul (2023) ratifica e revela a necessidade de pesquisas que façam a relação da autolesão adolescente com o contexto escolar.

Em 2019 foram registradas 124.709 lesões autoprovocadas no País, um aumento de 39,8% em relação a 2018, de acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde

(2019), sobretudo no ambiente escolar. Diante desse crescimento do comportamento autolesivo entre adolescentes e da ausência de produção científica supracitada, estabelece-se como pergunta de partida para este estudo o seguinte: quais intervenções estão sendo realizadas no contexto escolar acerca da autolesão no público adolescente? Para tanto, pretender-se-á a elaboração de um estudo de revisão sistemática com vistas à sistematização dos achados.

MÉTODO

Este estudo se propõe a uma revisão de literatura sistemática, método utilizado para realização de pesquisa focada em uma questão bem definida, com fins de identificar, selecionar, avaliar e sintetizar evidências relevantes disponíveis (Galvão & Pereira, 2014).

Para tanto, elaborou-se a pergunta de partida baseada na estratégia PICO, considerando população, o fenômeno a ser estudado, o contexto e os resultados esperados, chegando a: Quais as intervenções realizadas no contexto escolar frente à autolesão de adolescentes?

A coleta bibliográfica se deu pelo Portal de Periódicos da CAPES (acesso café), entre os meses de maio e junho de 2023. Levando-se em conta as múltiplas nomenclaturas utilizadas nos estudos sobre autolesão, e a indicação da literatura para buscas bibliográficas sobre o tema (Lara, Saraiva, & Cossul, 2023), utilizamos as seguintes combinações de descritores como chave de busca: *self- mutilation and teenager and school and intervention* (7 resultados) / *self- mutilation and adolescents and school and intervention* (19 resultados); *Non-Suicidal Self-Injury and adolescents and school and interventions* (82 resultados), somando inicialmente 108 estudos.

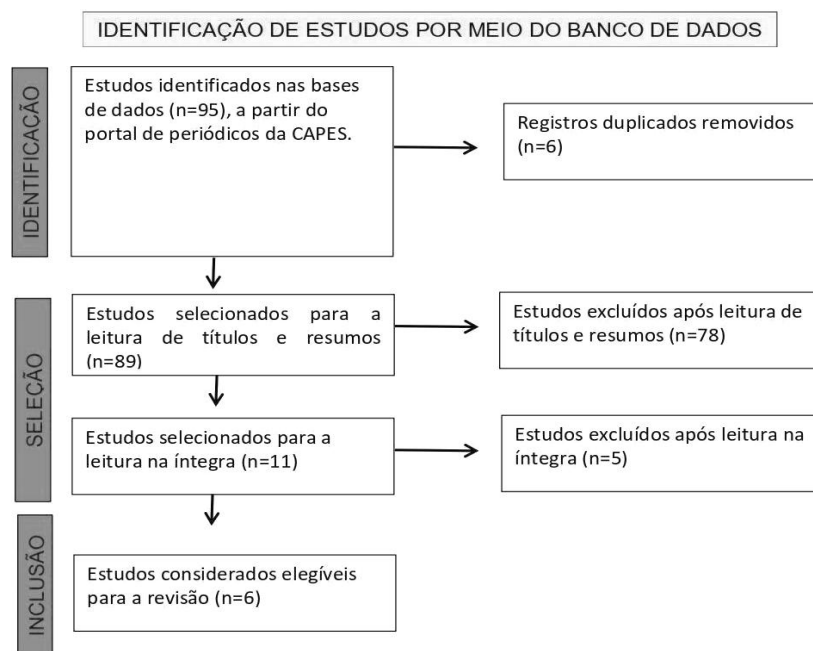
Foram estabelecidos os critérios de elegibilidade utilizados para filtrar as publicações, sendo estes: estudos em português, inglês ou espanhol, publicados entre os anos de 2012 a 2022, que apontassem estratégias de enfrentamento à autolesão no âmbito escolar, diretamente com o público adolescente ou com profissionais.

Identificou-se inicialmente 108 estudos, dos quais 6 foram excluídos por duplicação. A partir da leitura dos resumos dos artigos (102), excluíram-se 91 estudos da amostra, pois descreviam intervenções que não eram diretamente direcionadas ao comportamento autolesivo, embora efeitos em comportamentos autolesivos tenham sido descritos como subprodutos.

Os 11 artigos restantes foram lidos na íntegra, dos quais 3 foram excluídos por não descreverem intervenções realizadas em comportamentos autolesivos (1 deles descrevia apenas um projeto de intervenção) e outro estudo (1) foi excluído por focar em avaliar a eficácia e aceitabilidade de um curso de formação para prevenção da autolesão antes, após e passados seis meses da intervenção, sem descrever metodologicamente quais ações foram desenvolvidas no decorrer deste curso. Por fim, o último artigo (1) foi excluído por apontar algumas intervenções mais focadas no suicídio em geral, e com objetivo de discutir aspectos psicopatológicos do desenvolvimento da adolescência, não descrevendo necessariamente as intervenções dos poucos programas citados.

Assim, as discussões serão apresentadas a partir da análise dos 6 estudos que restaram após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Essas etapas podem ser acompanhadas no fluxograma a seguir:

Figura 1
Fluxograma da Seleção de Artigos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Os 6 artigos incluídos como fontes de dados foram lidos novamente na íntegra, a fim de se extrair informações sobre: 1) o conjunto de intervenções descritas em relação a comportamentos autolesivos em estudantes; 2) o público-alvo das intervenções; 3) os objetivos planejados para as ações; e 4) os resultados gerados. Esses elementos consistiram nas categorias de análise em torno das quais a literatura consultada foi sistematizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções sistematizadas se voltam para duas perspectivas, ora promovendo ações de prevenção e diminuição da incidência do fenômeno autolesivo, ora como resposta ao comportamento já ocorrido. Tangível aos procedimentos, identificamos três propostas prevalentes, sendo a primeira destinada à formação e treinamento de profissionais, a segunda direcionada a metodologias que facilitam a escuta dos sujeitos, e a terceira mais focada na dinamização de informações acerca do fenômeno. Abaixo apresenta-se a tabela de sistematização dos estudos analisados.

TABELA 1

Resultados da busca sistematizada de artigos.

REFERÊNCIA	METODOLOGIA					RESULTADOS
	OBJETIVO DA INTERVENÇÃO	PÚBLICO-ALVO	VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEL INDEPENDENTE	PROCEDIMENTO	
CIPRIANO, Anabrose et al. Non-suicidal self-injury: a school-based peer education program for adolescents during COVID-19 pandemic. Frontiers in psychiatry , v. 12, p. 737544, 2022.	Prevenção do comportamento autolesivo através da implementação do Programa de Educação entre pares-NSSI-Peer Education Program (NSSI-PEP).	Alunos de uma escola do ensino médio no sul da Itália.	Relatos dos estudantes sobre: seus comportamentos NSSI, suas dificuldades de regulação emocional e outros construtos psicológicos associados ao NSSI	Desenvolvimento de habilidades para melhor enfrentamento de questões vulneráveis na adolescência.	Seleção e treinamento de pares (estudantes) com posterior execução de grupos focais com uso de metodologias ativas.	Os alunos não relataram novos comportamentos de NSSI e após a intervenção, os participantes relataram uma diminuição significativa nas dificuldades de regulação emocional e redução em vários construtos psicológicos que foram associados ao NSSI, como menos dificuldades na aceitação das próprias emoções e maior acesso a estratégias eficazes de regulação emocional. Os alunos relataram respostas favoráveis às questões que avaliam a aceitabilidade do programa.
BUERGER, Arne et al. DUDE-a universal prevention program for non-suicidal self-injurious behavior in adolescence based on effective emotion regulation: study	Diminuição da incidência da autolesão no ambiente escolar através da implementação do Programa de prevenção universal recém-desenvolvido ("DUDE – Du und dein	3200 jovens adolescentes (idade 11-14 anos) de 16 escolas na Alemanha		Desenvolvimento de habilidades de regulação emocional	Treino de habilidades com uso de metodologias ativas realizadas em grupo.	Pesquisa ainda na fase de projeto e o estudo propõe avaliar a eficácia.

protocol of a cluster-randomized controlled trial. Trials , v. 23, n. 1, p. 1-16, 2022.	Emotionen / Você e suas emoções”).					
SANTOS, Elen Alves dos; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto; RIBEIRO, Beatriz Soares. Psicologia Escolar e Automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção. Psicologia Escolar e Educacional , v. 25, 2021.	Facilitar espaço de reflexão, cuidado e prevenção a autolesão da Oficina PENSAR E AGIR EM CENA.	Adolescentes de uma escola pública de Ensino Fundamental. atendidos pelo Serviço de Orientação ao Estudante (SOE).	Relato dos estudantes sobre que variáveis atribuem relação com a autolesão	Discussão em grupo de contingências estabelecidas para autolesão adolescente (família, depressão, conflitos interpessoais etc).	Psicodrama como técnica de grupo, com representações teatrais das experiências trazidas pelos participantes .	Os estudantes buscaram explicar os motivos que levam os adolescentes a se sentirem tristes ou depressivos e como a prática da automutilação funciona como uma forma de aliviar o sofrimento. Os aspectos apontados foram: violência doméstica e sexual, bullying escolar, indiferença/rejeição das pessoas aos seus sentimentos. Muitos estudantes relataram sensação de solidão, queixas em relação aos familiares, especialmente por não terem os pais próximos devido ao excesso de trabalho; ponto bastante recorrente, assim como a necessidade de utilizarem máscaras de “felicidade” no cotidiano para não terem que explicitar suas angústias.
HASKING, Penelope A. et al. Position paper for guiding response to non-suicidal self-injury in schools. School Psychology International , v. 37, n. 6, p. 644-663, 2016.	Orientar a comunidade escolar sobre como proceder diante de casos de automutilação não suicidas nas escolas	Funcionários da comunidade de escolar.	[não se aplica]	Descrição dos procedimentos necessários para a escola: avaliação dos riscos, ações na escola, treino de equipes, psicoeducação de pais e encaminhamentos.	Criação de um Material gráfico: Protocolo Escolar de Intervenção.	[não se aplica]
BARBOUR, Laura; CORREA, Nikki; SALLEE, Emily. Non-Suicidal Self-Injury (NSSI): What School Counselors Need to Know to Support Their Students.	Orientar a comunidade escolar sobre como proceder e como promover ações de prevenção diante de casos de automutilação não suicida	Equipe escolar.	[não se aplica]	Descrição dos procedimentos necessários para a escola: Treinamento de funcionários, psicoeducação para pais, ações de desenvolvimento de habilidades	Criação de um Material gráfico: Manual para Orientação às escolas frente à autolesão.	[não se aplica]

Journal of school counseling, v. 19, n. 32, p. n32, 2021.	nas escolas			sociais e alfabetização em saúde mental com os estudantes, protocolo individualizado em casos de emergência.		
HASKING, Penelope et al. Impact of the COVID-19 pandemic on students at elevated risk of self-injury: The importance of virtual and online resources. School Psychology International , v. 42, n. 1, p. 57-78, 2021.	Orientar a comunidade escolar sobre como promover saúde mental e como proceder e promover ações de prevenção diante de casos de automutilação não suicida nas escolas à luz das experiências práticas das autoras do estudo.	Equipe escolar.	[não se aplica]	Descrição de ações possíveis a serem realizadas remotamente pela comunidade escolar: incentivar o contato social por redes sociais e aplicativos; campanhas que promovam a socialização entre estudantes; envio de cartilhas e infográficos sobre saúde mental e autolesão para alunos, pais e funcionários da escola; escrever cartas e produzir diários da gratidão.	Descrição da prática profissional das autoras no contexto escolar durante a pandemia de Covid-19	[não se aplica]

Legenda: NSSI: Non Suicidal Self- Injury = autolesão não suicida.

De acordo com a tabela, as ações de caráter preventivo encaminharam-se para o treinamento de habilidades e aquisição de comportamentos assertivos frente a situações de sofrimento e estresse, principalmente com foco na regulação emocional (Cipriano & cols., 2022); Buerger & cols., 2022).

O treinamento de habilidades, com esse objetivo de favorecer autoconhecimento e sob a estratégia de regulação emocional sugere ser uma proposta bem difundida, observada nos

estudos desta revisão e confirmada por outras pesquisas (Nock & cols., 2006); (Kawasaki & Dias, 2021).

Também se apresentam dentro da proposta interventiva as intervenções que buscam a psicoeducação dos adolescentes quanto à identificação de contingências estabelecidas do comportamento autolesivo. Acrescenta-se ainda campanhas educativas sobre a temática, com divulgação de materiais informativos para toda a comunidade (Santos, Pulino, & Ribeiro, 2021);(Hasking &., 2021).

Alguns estudos não apresentaram necessariamente intervenções realizadas em ambientes escolares, mas descreveram em documentos orientativos quais as condições e possibilidades para tais (Hasking, et al., 2016);(Barbour et al. 2021). Discorrem acerca da necessidade de estabelecimento de uma equipe para coordenar o gerenciamento de casos para alunos que se autolesionam, profissionais de referência dentro da escola, psicoeducação de pais, treinamento da comunidade escolar para acolhimento desses estudantes e criação de um plano de segurança para situações mais emergenciais.

Para Berger, Hasking e Reupert (2015) tem-se observado cada vez mais o desenvolvimento de protocolos e diretrizes para o enfrentamento da autolesão dentro da escola como uma estratégia, com fins de minimamente orientar e padronizar ações.

Entendendo que a autolesão é um fenômeno complexo, as intervenções apresentadas se direcionaram a diferentes grupos dentro da instituição escolar. Estudos trouxeram que o principal público alvo foram de fato os adolescentes, de forma direta ou indireta, e especificou a inserção desse público no cenário educacional, haja visto ser a instituição onde estes adolescentes estão com mais frequência, concordando com Bremberger (2010).

Estes adolescentes frequentavam escolas de ensino fundamental e também de ensino médio, com idades entre 11 e 18 anos. Os autores Escobar, Arruda e De Lorena Sobrinho (2022) trazem que, considerando o cenário epidemiológico de crescimento mundial da autolesão em adolescentes, e também essa sua permanência maior em ambientes escolares, é de extrema necessidade a implementação de programas e/ou políticas de prevenção nesse campo.

Para além dos alunos, as intervenções também se direcionam a comunidade escolar no geral, abrangendo tanto os funcionários da escola, sendo professores, gestão, terceirizados e/ prestadores de serviços, mas também os pais e/ou responsáveis pelos adolescentes, (Hasking et al., 2016); (Barbour, Correa & Sallee, 2021), o que vai de encontro ao apontado por Carroll e colaboradores (2016) quando diz que é imprescindível que as pessoas que assumem papéis

sociais responsáveis por adolescentes ocupem a posição de suporte para mitigar condutas arriscadas à vida destes, como se caracteriza a autolesão.

Ainda sobre esse público, Hedland e colaboradores (2016) afirmam que estes adultos precisam ser capazes de identificar os primeiros sinais de comportamentos suicidas (o qual a autolesão pode preceder), e reitera que para tal feito se faz necessária a produção de intervenções formativas dentro desses ambientes escolares.

Apareceu nesta pesquisa o trabalho com grupos focais e também intervenções a partir de metodologias ativas e com uso de recursos artísticos como o teatro. Silva e colaboradores (2017) discutem a importância de se pensar na promoção da saúde mental utilizando recursos da arte e da cultura, ainda mais quando o público se trata de adolescentes, que pela faixa etária, suscitam atividades mais atrativas.

A proposta da utilização de grupos focais se mostrou interessante à medida que permitia aos alunos compartilharem suas experiências de sofrimento contingentes à autolesão, ao passo que modelavam formas variadas de identificação de gatilhos, estratégias de enfrentamento, nem sempre outrora percebidos por todos os participantes em outros contextos. O grupo focal facilita essa compreensão de processos de construção da realidade vivenciada pelo grupo, discriminando práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes (Gomes, Telles & Roballo, 2009), que corroboram com essa modelação.

Ao se propor um diálogo franco, aberto e responsável com estudantes, com enfoque nos aspectos cognitivos, nas questões emocionais e nas influências sociais, a escola pode apresentar desfechos que vão influenciar diretamente na saúde e na aprendizagem do adolescente, é o que discute Lopes e Teixeira (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi investigar as estratégias para enfrentamento da autolesão no ambiente escolar, um problema intersetorial e complexo que cresceu na última década e afetou não só os diversos adolescentes praticantes, mas também toda a rede social próxima destes, o que torna o fenômeno uma questão de cuidado nas políticas públicas, sobretudo as não diretamente associadas ao campo da saúde somente.

Contudo há de se considerar importante a constatação de que estudos direcionados à intervenções frente a temática autolesiva ainda parecem ser incipientes e esse problema é especialmente relevante quando se considera as produções exclusivamente focadas na autolesão, visto que é mais comum que os estudos estejam relacionados a outros problemas, como bullying, depressão ou suicídio, tratando da autolesão em segundo plano. Não se pormenoriza a importância do trabalho com essas outras demandas, mas ratifica o enfrentamento de um comportamento específico, com topografias e/ou funções muito particulares.

Diante do fenômeno da autolesão, é mais comum ainda que as intervenções sejam feitas no campo do privado, diretamente com o sujeito que já emitiu o comportamento, do que mesmo com grupos, numa perspectiva mais coletiva de tratamento, o que foi inclusive identificado em textos analisados neste estudo e parece ser um problema do qual ainda se deve produzir e/ou pesquisar mais.

Sendo a escola o lugar do adolescente, e provavelmente um dos primeiros contextos em que a expressão desse problema social será percebida, não se concebe a não estruturação de manejos assertivos dentro desse ambiente, ao passo que não se esgota a necessidade de um trabalho sobremaneira em rede, articulando e integrando políticas que assistem às demandas adolescentes. Assim, é fundamental a continuidade de intervenções e de publicização destas para a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andover, M. S. (2014). Non-suicidal self-injury disorder in a community sample of adults. *Psychiatry research*, 219(2), 305-310.
- Andover, M. S., Schatten, H. T., Morris, B. W., & Miller, I. W. (2015). Development of an intervention for nonsuicidal self-injury in young adults: An open pilot trial. *Cognitive and behavioral practice*, 22(4), 491-503. doi:10.1016/j.cbpra.2014.05.003
- Aratangy, E. W., Russo, F. L., Giusti, J. S., & Cordás, T. A. (2017). Como lidar com a automutilação: guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação. *São Paulo: Hogrefe*.
- Barbour, L., Correa, N., & Sallee, E. (2021). Non-Suicidal Self-Injury (NSSI): What School Counselors Need to Know to Support Their Students. *Journal of school counseling*, 19(32), n32.
- Berger, E., Reupert, A., & Hasking, P. (2015). Professores em formação e em serviço conhecimento, atitudes e confiança em relação à automutilação entre os alunos. *Diário de Educação para o Ensino*, 41, 37-51.
- Bremberger, M. E. D. F. (2011). Queixas escolares: que Educação é essa que adocece?. *Revista de Educação*, 13(15), 127-139.
- Buerger, A., Emser, T., Seidel, A., Scheiner, C., von Schoenfeld, C., Ruecker, V., ... & Romanos, M. (2022). DUDE-a universal prevention program for non-suicidal self-injurious behavior in adolescence based on effective emotion regulation: study protocol of a cluster-randomized controlled trial. *Trials*, 23(1), 1-16.
- Carroll, J. C., Talbot, Y., Permaul, J., Tobin, A., Moineddin, R., Blaine, S., ... & Telner, D. (2016). Academic family health teams: Part 1: patient perceptions of core primary care domains. *Canadian Family Physician*, 62(1), e23-e30.
- Cipriano, A., Aprea, C., Bellone, L., Cotrufo, P., & Cella, S. (2022). Non-suicidal self-injury: a school-based peer education program for adolescents during COVID-19 pandemic. *Frontiers in psychiatry*, 12, 737544.
- de Souza Colau, L., Pereira, T., Silva, J. V. A., Becker, A. P. S., & Junior, J. S. (2022). Adolescência e Comportamento Autolesivo: Uma Revisão da Literatura Nacional. *Revista de Psicologia da IMED*, 14(1), 176-196.
- dos Santos Lima, D., Oliveira, E. N., da Silva França, S., Sobrinho, N. V., Santos, L. A., & Prado, F. A. (2021). Automutilação e seus fatores determinantes: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(9), e45510918155-e45510918155.
- Durand, S. C., & McGuinness, T. M. (2016). Adolescents who self-injure. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services*, 54(4), 26-29.
- Escobar, A. D. M. P. R., Arruda, M. D. F. A., & de Lorena Sobrinho, J. E. (2022). Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 11(3), e0411326157-e0411326157.

- Fonseca, P. H. N. D., Silva, A. C., Araújo, L. M. C. D., & Botti, N. C. L. (2018). Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 70(3), 246-258.
- Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e serviços de saúde*, 23, 183-184.
- Gomes, V. L. D. O., Telles, K. D. S., & Roballo, E. D. C. (2009). Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes. *Escola Anna Nery*, 13, 856-862.
- Halicka, J., & Kiejna, A. (2018). Non-suicidal self-injury (NSSI) and suicidal: Criteria differentiation. *Adv Clin Exp Med*, 27(2), 257-261.
- Hasking, P. A., Heath, N. L., Kaess, M., Lewis, S. P., Plener, P. L., Walsh, B. W., ... & Wilson, M. S. (2016). Position paper for guiding response to non-suicidal self-injury in schools. *School Psychology International*, 37(6), 644-663.
- Hasking, P., Lewis, S. P., Bloom, E., Brausch, A., Kaess, M., & Robinson, K. (2021). Impact of the COVID-19 pandemic on students at elevated risk of self-injury: The importance of virtual and online resources. *School Psychology International*, 42(1), 57-78.
- Iwata BA, Dorsey M, Slifer K, Bauman K, Richman G. Toward a functional analysis of self-injury. *J Appl Behav Anal*. 1994;27:197-209.
- Jorge, J. C., Queirós, O., & Saraiva, J. (2015). Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida-estudo qualitativo das funções e significados na adolescência. *Análise Psicológica*, 33(2), 207-219.
- Kamazaki, D. F., & Dias, A. C. G. (2021). Intervenções para autolesão não suicida: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos clínicos. São Leopoldo: UNISINOS, 2008-. Vol. 14, n. 1 (jan./abr. 2021), p. 228-251.*
- Lara, G. D., Saraiva, E. S., & Cossul, D. (2023). Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Educação e Pesquisa*, 49.
- Lopes, L. D. S., & Teixeira, L. C. (2019). Automutilaciones en la adolescencia y sus narrativas en contexto escolar. *Estilos da Clínica*, 24(2), 291-303.
- Moreira, É. D. S., Vale, R. R. M. D., Caixeta, C. C., & Teixeira, R. A. G. (2020). Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3945-3954.
- Nock, M. K., Joiner Jr, T. E., Gordon, K. H., Lloyd-Richardson, E., & Prinstein, M. J. (2006). Non-suicidal self-injury among adolescents: Diagnostic correlates and relation to suicide attempts. *Psychiatry research*, 144(1), 65-72.
- Plener, P. L., Kaess, M., Schmahl, C., Pollak, S., Fegert, J. M., & Brown, R. C. (2018). Nonsuicidal self-injury in adolescents. *Deutsches Ärzteblatt International*, 115(3), 23.
- Ribeiro, A. C. D. O. P., Leite, R. F. D., & Couto, V. V. D. (2022). Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 10(1), 135-144.

Rossi, L. M., Marcolino, T. Q., Speranza, M., & Cid, M. F. B. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, e00125018.

Sant'Ana, I. M. (2019). Autoautolesión no suicida en la adolescencia y la actuación del psicólogo escolar: una revisión narrativa. *Revista de Psicología da IMED*, 11(1), 120-138.

Santos, E. A. D., Pulino, L. H. C. Z., & Ribeiro, B. S. (2021). Psicologia Escolar e Automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25.

Von Mühlen, M. C., & Câmara, S. G. (2021). Revisão narrativa sobre a automutilação não suicida entre adolescentes. *Aletheia*, 54(1).

INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES: UM DELINEAMENTO COOPARTICIPATIVO ENTRE MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR.

Jânder Carlos Soares Silva¹
Natália Santos Marques²

RESUMO

A adolescência se caracteriza como uma fase permeada por conflitos de ordem biopsicossocial, e cada vez mais tem-se observado o aumento do comportamento autolesivo nessa faixa etária, cerca de 29% a cada ano, entre 2011 e 2022 (Fiocruz, 2024). A escola, por ser o local em que, muitas vezes, o estudante se encontra na maior parte do tempo, é também o lugar onde a autolesão será percebida e identificada com maior probabilidade. Esse trabalho apresenta uma intervenção realizada junto à rede pública de Sobral - CE, com vistas à prevenção e manejo de comportamento autolesivo entre estudantes, a partir de uma pesquisa-ação. Para tanto, este estudo dividiu-se em três intervenções, sendo a primeira um curso de formação para professores e orientadores educacionais, a segunda uma roda de conversa com colaboradoras terceirizadas, encerrando com uma oficina com estudantes. Obtém-se como estratégias efetivas a formação profissional, formação de pares estudantis, a criação de equipe de referência para acolhimento no seio da escola, treino de habilidades para regulação emocional inseridos em disciplinas do currículo escolar, bem como trabalho direto com as famílias. Conclui-se que a demanda da autolesão no ambiente escolar ainda suscita discussão e formulação de políticas públicas mais efetivas de prevenção e enfrentamento de comportamento autolesivo entre estudantes.

Palavras-chave: autolesão; intervenção; escola.

ABSTRACT

Adolescence is characterized as a phase permeated by biopsychosocial conflicts, and there has been an increasing increase in self-harm behavior in this age group, approximately 29% each year, between 2011 and 2022 (Fiocruz, 2024). School, as the place where students often spend most of their time, is also the place where self-harm will be most likely to be noticed and identified. This work presents an intervention carried out in the public school system of Sobral - CE, with a view to preventing and managing self-harm behavior among students, based on action research. To this end, this study is divided into three disciplines, the first being a training course for teachers and educational counselors, the second a discussion group with outsourced collaborators, and ending with a workshop with students. professional development, training of student peers, the creation of a reference team for support within the school, training in emotional regulation skills included in subjects of the school curriculum, as well as direct work with families. It is concluded that the demand for self-harm in the school environment still raises discussion and formulation of more effective public policies for preventing and addressing self-harm behavior among students.

Keywords: self-injury; intervention; school.

INTRODUÇÃO

O período da adolescência é marcado por conflitos de diferentes ordens que impactam diretamente a forma como o sujeito interage consigo mesmo e com os outros. Das mudanças fisiológicas às psicossociais, é nesse cenário de duras transformações que podem emergir alterações consideradas patológicas no desenvolvimento, como é o caso do comportamento autolesivo (Santos, 2020), que surge principalmente nessa faixa etária e pode permanecer por cerca de 10 a 15 anos (Dinamarco, 2011).

A autolesão diz respeito a uma ação deliberada que visa provocar danos a alguma parte do corpo, quer seja por meio de cortes, arranhões, queimaduras etc. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (APA, 2014) esse comportamento repetido pelo sujeito que provoca lesões superficiais, mas dolorosas, objetiva reduzir emoções negativas e/ou resolver alguma dificuldade interpessoal.

O comportamento autolesivo tem emergido majoritariamente com a função de alívio de sensações de vazio ou indiferença, pela fuga ou cessar de sentimentos ruins (De Sousa Colau, 2022), pela aquisição de reforço automático positivo ou negativo (Moreira, 2020), como forma de representar um conflito e um mecanismo alternativo disfuncional de enfrentamento (Fonseca et al., 2018). Complementa-se com o estudo de Iwata, Dorsey, Slifer e Bauman (1982), quando descrevem a autolesão com função de autoestimulação em contextos de minimização de reforçamento externo, como fuga de atividades indesejáveis, necessidade de chamar a atenção de outros sujeitos e/ou resultado de contingências de desaprovação social.

A prevalência do fenômeno autolesivo, sobretudo em adolescentes, tem ganhado proporções consideráveis nos últimos anos (Csorba, 2018). Estudo apresentado por Frazen e colaboradores (2019), por exemplo, destaca que o comportamento autolesivo tem sido o maior responsável pelo atendimento de crianças e adolescentes em emergências psiquiátricas. Tardivo e colaboradores (2019) chamam atenção ainda para a persistência da autolesão na fase adulta, o que torna o fenômeno mais grave pela forte ligação com o risco de suicídio.

Assim, podemos dizer que estamos diante de um problema de saúde pública que requer política pública a nível mundial (Stewart et al., 2017), ainda mais se entendermos que a autolesão e o suicídio são considerados os principais problemas de saúde pública em adolescentes (Hawton, Saunders & O'Connor, 2012).

Além de um problema de saúde, o comportamento autolesivo entre adolescentes pode ser considerado uma demanda educacional, uma vez que, nessa faixa etária, boa parte do tempo e das relações interpessoais do sujeito tendem a se relacionar com o contexto escolar. Logo, é na escola que na maioria das vezes os comportamentos autolesivos serão identificados e/ou percebidos, o que a coloca na condição de buscar estratégias para que os adolescentes possam refletir e enfrentar os problemas de maneiras mais assertivas (Lieberman, 2004), podendo ter a garantia de seus direitos atendidos em todas as esferas.

Mesmo com o notório aumento do número de casos de autolesão nos últimos anos (cerca de 29% a cada ano, entre 2011 e 2022 (Fiocruz, 2024)), e sabendo da urgência que essa temática traz, ainda são carentes os estudos que confirmam essa tendência. Em uma revisão integrativa apresentada por Ferreira, Chaves e Tardivo (2021), que objetivou buscar na literatura estudos nacionais do comportamento autolesivo entre os anos de 2015 e 2020, identificou-se que nenhuma publicação foi feita em 2015, em 2016 apenas dois artigos foram encontrados, em 2017 apenas um, em 2018 e 2019 apenas três trabalhos em cada ano foram publicados e em 2020 apenas um até a data de publicação do estudo.

Das doze publicações encontradas na literatura brasileira na revisão de Ferreira, Chaves e Tardivo (2021), somente três objetivavam trabalhar o tema no ambiente escolar, e destas, só um estudo se direciona à prática de intervenção nesse contexto (Ferreira, Chaves & Tardivo, 2021). Tais achados justificam a produção desta pesquisa em duas perspectivas: a primeira pela carência de pesquisadores trabalhando com esse tema da autolesão em adolescentes; a segunda por ser um trabalho que objetiva a construção, de forma compartilhada com a comunidade, de um delineamento de intervenções frente a autolesão escolar.

Para efeito de embasamento teórico dentro desta pesquisa-ação, que pressupõe intervenções concomitante à própria investigação, e considerando modelos pertinentes de intervenção apresentados pela literatura, este estudo desenvolveu ações de orientação e formação para profissionais da escola, de acordo com que defende Barbour, Correa e Sallee (2021) e Hasking (2021), bem como realizou uma ação de formação com estudantes, baseada no *Programa de Educação entre pares-NSSI-Peer Education Program* de Cipriano (2022) e no *Programa de prevenção universal recém-desenvolvido* (“DUDE – Du und dein Emotionen / Você e suas emoções”) desenvolvido por Buerger (2022).

Considerando tais discussões, o presente trabalho foi realizado junto à rede pública de educação de Sobral, entendendo que propostas tais como a aqui apresentada podem lançar luz à formulação de políticas públicas que atendam a contento essa demanda da autolesão no ambiente escolar.

MÉTODO

A presente pesquisa foi devidamente autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos, sob o Número do Parecer: 6.787.555. Quanto à sua natureza, essa pesquisa se propôs ser aplicada, uma vez que objetivou resolver um problema concreto, que necessitava de solução imediata. Trata-se de uma pesquisa-ação, uma abordagem metodológica que visa promover mudanças práticas e resolver problemas específicos através de um ciclo de planejamento, ação, observação e reflexão, cujo objetivo principal é a transformação social ou institucional, aliando a pesquisa científica com a prática cotidiana (Thiollent, 2022).

A primeira etapa da pesquisa consistiu em acionar a Secretaria de Educação de Sobral-CE (Seduc-CE), órgão que tem parceria formalizada com o Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, ao qual os autores deste trabalho são vinculados como estudante e orientadora, respectivamente.

A Secretaria de Educação de Sobral-CE possibilitou o acesso a estudantes do ensino fundamental II, com idades entre 11 e 15 anos, bem como professores e orientadores educacionais e com colaboradores em uma escola de Tempo Integral da rede municipal, localizada no distrito de Jordão-CE. O critério de escolha da referida escola se deu por ela ser o local de trabalho do pesquisador. A etapa com professores e orientadores também se estendeu a profissionais de outras 50 escolas da rede, que poderiam enviar até dois representantes, por escola.

O estudo consistiu em três intervenções, diferenciadas em relação ao público-alvo e atividades conduzidas: um curso de formação com professores e orientadores educacionais; uma roda de conversa com colaboradores; uma oficina com os estudantes participantes do estudo. As três intervenções tiveram como objetivo a escuta das experiências de cada público com a temática, trabalhar a explanação teórica do tema da autolesão, identificação da demanda, formas de acolhimento e construção coletiva de possibilidades de ações para prevenir ou intervir em situações em que a autolesão já foi identificada.

Uma limitação deste estudo refere-se ao fato de que a mesma pessoa foi responsável tanto pela aplicação da intervenção quanto pelo registro dos dados. Essa condição pode ter introduzido vieses, como a expectativa do pesquisador ou a subjetividade na coleta e análise das informações. Estudos futuros podem minimizar essa limitação ao envolver diferentes profissionais para a aplicação da intervenção e o registro dos dados, garantindo maior imparcialidade e confiabilidade nos resultados.

Curso com professores e orientadores educacionais

A metodologia de curso foi proposta por se mostrar uma estratégia eficaz, uma vez que treina os profissionais para reconhecer sinais de sofrimento mental de estudantes, desenvolver habilidades de acolhimento, promover ações preventivas e realizar encaminhamentos apropriados (Hasking et al., 2016); (Bond et al., 2023); (Neves, Pereira & Pereira, 2020).

O curso intitulado “Autolesão no Contexto Escolar: estratégias preventivas e interventivas” contou com a participação de profissionais de ensino fundamental II da Seduc-Sobral, a partir de convite feito à secretaria de educação via ofício, e consequente mobilização com os diretores da rede municipal.

O convite inicialmente foi direcionado especificamente a professores da base diversificada, mas algumas escolas optaram por encaminhar orientadores educacionais, profissionais graduados em psicologia e que dão suporte à gestão escolar, como representantes.

Como critério de inclusão, optou-se pelo trabalho com profissionais apenas nas escolas de ensino fundamental II, que atendem especificamente o público adolescente. Também incluíram-se apenas professores das disciplinas de projeto de vida e/ou formação humana, que trabalham com temáticas transversais nas escolas públicas, como violência, bullying e preconceito.

O curso foi distribuído em quatro encontros, sendo o primeiro e último presenciais, e outros dois on-line, e tiveram duração de 4h cada, contendo dinâmicas de apresentação, rodas de escuta prévia acerca da temática do dia, momentos de exposição de conteúdos teóricos em formato dialogado, encerrando com momentos abertos para trocas de vivências práticas entre o público participante e sugestões de intervenções.

Os encontros foram divididos por módulos, descritos a seguir e acompanhados das referências que embasaram teoricamente cada atividade: I: Adolescência e suas transformações: saúde mental dessa população (Scavacini, 2021); (Costa et al., 2020); (Quiroga & Vitalle, 2013); II: Autolesão adolescente: características, determinantes sociais e formas de apresentação (De Souza Colau, 2022); (Von Mullen & Câmara, 2021); (Moreira, 2020) ; III: O papel da escola no enfrentamento a autolesão: desafios e possibilidades (Escobar; Arruda & De Lorena Sobrinho, 2022); (Kawasaki & Dias, 2021); IV: Acolhimento ao adolescente que se autolesiona no contexto escolar. Redes de apoio e cuidado ao adolescente (Scavacini, 2021); (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, 2021).

A cada encontro, o pesquisador realizou registros objetivos em diário de campo ao final, a partir das discussões levantadas e das colocações dos participantes. Como medida de follow up, utilizou-se atividade prática produzida pelos participantes do curso nas escolas em que prestam serviço, reportadas ao pesquisador em formato de relatório, e formulário google de avaliação da atividade.

Roda de conversa com colaboradores

A intervenção na forma de roda de conversa se direcionou ao trabalho com profissionais de nível fundamental e médio de formação (aqui distribuídos entre os profissionais terceirizados da escola) por ser este público também considerado fundamental no enfrentamento da autolesão escolar, necessitando portanto de treinamento para tal (Hasking et al., 2016; Barbour, Correa & Salle, 2021).

Para a ação com os colaboradores gerais da escola, contou-se com a parceria do programa “Eu Posso Te Ouvir”, um trabalho intersetorial que ocorre essencialmente na escola, junto da Secretaria de Saúde e da Assistência Social, que visa proporcionar espaços de escuta ativa qualificada e de diálogo para adolescentes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental, em busca da produção de saúde mental e valorização da vida.

Sendo o pesquisador o articulador do programa Eu posso te Ouvir na instituição alvo da pesquisa, estes encontros foram agendados e organizados pelo próprio, com pactuação junto à gestão escolar, respeitando a dinâmica de trabalho de cada grupo alvo da intervenção. Os participantes foram voluntariamente convidados a participar das rodas de conversa.

Aproveitou-se desse espaço já instituído para realizar uma atividade de escuta sobre a temática e a vivência dela a partir do entendimento desses colaboradores sobre o assunto, bem

como coletar as sugestões desse público para ações de enfrentamento, e ainda para facilitar uma formação quanto às habilidades requeridas para o acolhimento da demanda autolesiva no espaço estudantil, seguindo as instruções do Guia Prático de Ajuda apresentado por Scavacini (2021) e da Cartilha de prevenção à autolesão : conhecer para ajudar, do Instituto Federal de Educação , Ciência e Tecnologia do Pará (2021).

A atividade consistiu em estender um varal com placas contendo perguntas norteadoras que pudessem evocar a fala das participantes, as quais foram: o que você entende por autolesão? Você já presenciou alunos com essa prática na escola?; Como você age diante dessa situação no ambiente escolar? O que você acredita que precisaria saber/fazer para contribuir mais com esse problema?. Seguiu com roda de conversa e orientações pelo pesquisador.

Incluiu-se como colaborador todos os profissionais terceirizados que prestam serviço à escola. Excluiu-se dessa ação professores e profissionais da gestão pedagógica. Pela dinâmica da escola, realizou-se duas rodas de conversa, em dois dias distintos, com dois públicos distintos (manipuladores de alimento e auxiliar de serviços gerais).

Ao final de cada um dos dois encontros, o pesquisador realizou registros objetivos em diário de campo , a partir das colocações das participantes.

Oficina com estudantes

Com estudantes, realizou-se escuta e formação na proposta de treinamento para pares. A metodologia de ensino denominada "educação entre pares" é uma abordagem pedagógica que tem como objetivo capacitar adolescentes para que atuem como facilitadores em atividades e ações voltadas para seus pares, e visa promover um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e eficaz, aproveitando a dinâmica social intrínseca ao grupo de estudantes (Padrão *et al.* ; 2021).

Os critérios de seleção dos alunos que participaram da ação foram: alunos que já participavam de ações protagonistas, como liderança de turma, uma vez que estes são eleitos pelos próprios estudantes, o que já sinaliza alguma identificação dos pares com os líderes; alunos que já participam de projetos na escola que abordem saúde mental, como o clube de saúde socioemocional, que reúne semanalmente estudantes para discutir temas como ansiedade, autoconhecimento, preconceito, bullying etc.

A oficina com estudantes ocorreu dentro da colônia de férias dos alunos, que aconteceu no mês de julho de 2024, e teve duração de 4h, com intervalo para lanche de vinte minutos. Iniciou-se com uma roda de conversa, onde aplicou-se a dinâmica “Tá com a palavra”, onde cada adolescente escreveu uma palavra ou frase numa tarjeta de papel, que sintetiza o ser adolescente em sua opinião, e em seguida apresentou e discorreu sobre esta para os demais membros. O objetivo dessa atividade era evocar a compreensão dos estudantes acerca do fenômeno adolecer e das transformações nesse ciclo vital.

Após a roda de conversa inicial, o pesquisador introduziu a discussão acerca da autolesão no ambiente escolar, a partir da dinâmica “Pergunta surpresa”, onde passava uma caixa com perguntas entre alguns membros em círculo, que sorteavam perguntas sobre o tema, tais como “o que você sabe sobre autolesão”; “você já viveu ou já acompanhou alguém que viveu essa experiência”; “você já presenciou esse comportamento aqui no ambiente escolar”; “o que você acha que acontece com a pessoa quando ela empreende esse comportamento”; “por qual motivo os adolescentes precisam recorrer a esse comportamento”.

O terceiro momento deste encontro se deu com a apresentação teórica em slide por parte do pesquisador, onde se apresentou características do ciclo vital adolescente (Papalia, Olds & Feldman, 2000) as representações sociais do adolescente (Quiroga & Vitalle, 2013), a prática da autolesão entre os adolescentes (De Sousa Colau, 2022); (Von Muhlen & Câmara, 2021); (Moreira, 2020) e propostas de intervenção ao fenômeno (Scavacini, 2021); (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, 2021).

Para finalizar o encontro com os estudantes, utilizou-se a dinâmica “A escola do cuidado”, onde os participantes foram divididos em subgrupos e apresentavam em cartolina quais sugestões elencaram como fundamentais para a escola intervir frente à autolesão. O encontro com estudantes finalizou com a apresentação de cada subgrupo em plenária, com a sinalização informal do compromisso de serem pares do cuidado a partir desse momento de escuta e formação.

Ao final, o pesquisador anotou em diário de campo as principais falas durante o encontro, bem como descreveu como se deu o desenvolvimento das atividades.

Como procedimento de análise de dados, optou-se nesse estudo pelo uso da Análise Temática, método qualitativo que identifica, analisa, interpreta e relata padrões, distribuídos em temas, a partir dos conteúdos (dados) (Braun; Clarke, 2006). Para tanto, adotou-se, dentro

da análise temática, a postura dedutiva e/ou teórica, que previamente definiu os temas sob os quais os dados foram organizados após a coleta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos com a coleta, descritos em diário de campo, foram organizados e sistematizados em códigos e depois redistribuídos em temas previamente definidos pelo pesquisador, como propõe a metodologia de análise temática dedutiva adotada neste estudo (Braun; Clarke, 2006). Os resultados a seguir apresentam a síntese dessa sistematização, com a consequente interpretação dos dados pelo pesquisador.

Participação do público-alvo.

Constatou-se uma baixa adesão de professores ao curso de “Autolesão no Contexto Escolar: estratégias preventivas e interventivas”, se considerarmos o número de escolas convidadas e mobilizadas junto à equipe de superintendência da Seduc- Sobral. Participaram 08 professores, sendo 05 mulheres e 03 homens, e 03 orientadores educacionais, sendo 02 homens e 01 mulher, de 08 escolas da rede. A média de idade dos participantes é de 35 anos, com tempo de trabalho na educação de Sobral variando entre 01 e 20 anos de exercício, divididos em escolas da sede municipal e dos distritos.

Essa baixa adesão dos professores pode ser compreendida à luz da sobrecarga de trabalho e das exigências constantes de formações, que impactam diretamente a disponibilidade desses profissionais. Esse fenômeno está relacionado à precarização do trabalho docente, caracterizada pelo acúmulo de tarefas, condições adversas e falta de suporte institucional. Pinheiro et al. (2023) discutem como o contexto de trabalho e a violência escolar afetam a saúde dos professores, evidenciando a necessidade de melhores condições laborais para garantir a efetividade de práticas pedagógicas e interventivas.

Isso sugere que, embora a escola possa ser uma grande aliada frente à prevenção e intervenção ao comportamento autolesivo, como defende Silva e Siqueira (2017), a preocupação com a formação para questões que não diretamente relacionadas ao currículo tradicional, com enfoque no conhecimento factual, só acontecerá com uma mudança de paradigmas do novo papel da escola na sociedade contemporânea.

Ainda que a escola precise dar conta de diversas funções e mesmo que Sobral seja reconhecida nacionalmente como uma das cidades com maior índice de desenvolvimento educacional do país, é fato que uma formação para a saúde mental e o enfrentamento de problemas dentro desse campo (como a autolesão) não obteve satisfatória adesão, o que a

aproxima de uma estimativa nacional em que grande número de instituições de ensino ainda estão voltadas para uma formação que privilegia o conteúdo tradicional (Abed, 2016).

Quanto à participação das colaboradoras e dos estudantes, obteve-se uma adesão satisfatória, mas acredita-se que a mesma se deu por alguns motivos. O primeiro deles é que esta etapa tinha como público pessoas de apenas uma escola, que originou a pesquisa e que é campo de trabalho de pesquisador. Este estreitamento entre temática-problema, pesquisador e demais pessoas envolvidas no cenário onde o problema real acontece facilita a participação e pertencimento de todos para a resolução do problema (Krafta et al., 2007).

Outra questão é que, embora os participantes nessas duas etapas dentro da escola tivessem a liberdade para não aceitar o convite a pesquisa, o mesmo foi feito de forma mais direcionada, a grupos menores, e no caso dos estudantes, de forma nomeada. Esses elementos acabaram por responsabilizar de forma mais objetiva a participação dos convidados.

Com colaboradores, os encontros aconteceram em períodos de intervalo de trabalho, dentro da própria escola, nos setores da cozinha, com as manipuladoras de alimentos, e em um dos corredores, com a equipe de auxiliares de serviços gerais. O quadro de manipuladores de alimentos e auxiliares de serviços gerais da instituição é composto apenas por mulheres.

Complementa o quadro de funcionários terceirizados quatro homens profissionais controladores de acesso à escola, que não participaram da ação por trabalharem em escalas diferentes dos demais funcionários (noturno) e/ou por, durante as ações, não serem liberados do controle do portão de acesso, dada a importância da função para a segurança da escola.

Também entra no critério de colaboradores as auxiliares de serviços educacionais. Porém, pela função de acompanhar diretamente os alunos do Atendimento Educacional Especializado na sala de aula regular, inviabilizou-se a participação deste grupo.

Obteve-se ao final a participação de 07 profissionais, sendo 04 auxiliares de serviços gerais e 03 manipuladoras de alimentos, com idade média de 38 anos. Pela rotina da escola, essa oficina aconteceu em dois momentos diferentes, divididos por categorias profissionais.

O encontro com os alunos contou com a participação de vinte e nove (29) estudantes, distribuídos entre as doze (12) turmas da escola, sendo alunos de 6º a 9º anos do ensino fundamental. A escolha dos participantes se deu pelo pesquisador (que já trabalha na escola e conhece o perfil de alguns alunos) e com sugestão dos coordenadores pedagógicos, respeitando os critérios de inclusão.

Relação entre os participantes e o fenômeno da autolesão

Durante os momentos de escuta no curso e na roda de conversa, o grupo de participantes composto por professores e orientadores educacionais, e o grupo das colaboradoras respectivamente, apontaram dificuldades em lidar com a temática da autolesão, sobretudo por não sentirem que possuem embasamento teórico que ampare possíveis intervenções.

Pela perspectiva dos professores, tal achado concorda com outros estudos que destacam a falta de preparo dos mesmos, com consequente necessidade de formação permanente em relação ao tema (Silva e Pegoraro, 2023; Costa & cols, 2020; Jacomini, Lopes & Ramos, 2023). Adianta sinalizar que essas formações precisam ir além da explicação do fenômeno autolesivo; precisará ensinar comportamentos sobre o que e como fazer intervenções sobre ele (Kamazaki & Dias, 2021).

Sinalizando a dificuldade de trabalhar com o tema da autolesão, as profissionais colaboradoras em geral justificam que apenas profissionais de nível superior seriam os mais indicados para lidar com a situação, expresso em:

“A gente não entende muito desses assuntos difíceis não, um aluno se cortando? Ave Maria, e se a gente fala logo uma coisa que não deve? É melhor levar logo pro (nome do orientador educacional da escola) que ele é quem entende disso. Ou então chama um professor se ele não tiver, pelo menos esse povo é formado” (Participante C).

Entretanto, e correspondendo com Carroll e colaboradores (2016), é imprescindível que as pessoas que assumem papéis sociais responsáveis por adolescentes (como as auxiliares de limpeza e as manipuladoras de alimentos que compõem essa equipe terceirizada na escola pesquisada) ocupem a posição de suporte para mitigar condutas arriscadas à vida destes, como se caracteriza a autolesão. Muitas vezes essas colaboradoras poderão criar vínculos que demais profissionais não construíram com alguns estudantes.

Já o público estudante apresentou que esse fenômeno não é mais uma surpresa ou um tabu entre eles, e praticamente todos eles já viram e/ou conversaram com pelo menos um estudante que se lesionou, mesmo que pareça haver uma crise silenciosa entre os profissionais da educação no tocante a levar o enfrentamento dessa temática para a sala de aula, como defenderam Von Mühlen e Câmara (2021).

Alguns alunos do encontro relataram já ter realizado a prática. Isso escancara o tema da autolesão como realmente muito presente no cotidiano da escola. Ao falar sobre autolesão, todos os participantes, inclusive os próprios adolescentes, demonstraram entender bastante de quais seriam os métodos mais frequentemente utilizados nessa prática (estilete, canetas, canetas, desodorantes spray, vidro, cacos de telha), também descritas por Aratangy (2018). Segue fala de participante para ilustrar o exposto:

“ Todo mundo sabe o que é isso tio, um monte de gente faz, é normal. Eu já me cortei, mas hoje não faço mais isso porque nem resolveu nada”. (Participante M).

“ Já vimos gente com gilette, com tampa de caneta, até com pedaço de telha dá certo. Um monte de gente desmonta o apontador pra se cortar. Não é certo tio, mas tem uma lista de gente que se corta aqui na escola”. (Participante K).

Durante o encontro com estudantes não se observou uma compreensão da gravidade do fenômeno para a saúde física e mental dos adolescentes, o que foi observado entre os adultos participantes da pesquisa. Todos reconheciam que a prática não parecia ser a melhor saída para a resolução de conflitos, mas não sinalizaram os riscos maiores da autolesão, praticamente banalizando-os e encarando com normalidade a autolesão, que também é reforçada pelo efeito contágio (Gabriel, I. M. & cols, 2020).

Determinantes para o comportamento autolesivo

Para todos os participantes da pesquisa, a fase da adolescência foi caracterizada como um período de muita ansiedade e estresse, sobretudo pelas demandas relacionadas às metas escolares e cobrança dos familiares, que concorda com o estudo de Oliveira e Marinho-Araújo (2010) quando explicam que essa cobrança pelo rendimento escolar é vista pelos alunos como muito negativa, mesmo quando parece ser um aspecto motivador para os familiares e pela escola.

Outro tema levantado pelos participantes é a relação família e o ser-adolescente, observando-se os conflitos familiares relativos à incompreensão dessa fase do ciclo vital, muito pelo fato dos pais às vezes encarar os questionamentos e busca de autonomia dos filhos como uma rebeldia. Nessa fase, é comum esse relacionamento pais e filhos parecer estar fora

de controle, muito pela dificuldade de se manter canais de comunicação abertos e flexíveis (Wagner, Falcke & Silveira 2002).

A adolescência também foi retratada pelos participantes como uma fase em que é comum às vivências do bullying no ambiente escolar, seja pela cor da pele, pela orientação sexual, que já começa a ser apresentada ao outro com mais solidez nessa fase da vida, pelos padrões de corpo e beleza e também pelas condições cognitivas de aprendizagem. Esses elementos também foram apontados como recorrentes em contexto escolar por Silva e colaboradores (2019), que apresentaram dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015, os quais indicam percentual de 19,8% adolescentes referindo a prática do bullying.

Impressas nos dilemas da adolescência também estão as questões relacionadas ao namoro adolescente, onde os participantes apresentaram ser uma fase complexa, que suscita emoções e conflitos com os quais ainda não estavam previamente preparados para lidar, e que interfere diretamente na saúde mental e relacional do estudante. Sobre isso, Scachetti, De Oliveira Monteiro e Taddei (2019) falam sobre o acontecer de uma “explosão” de hormônios, tipos de pensamento e formas de interação dos adolescentes que chegam a causar uma espécie de “crise”, que não é indolor e não passa tão rápido, as quais se incluem as trocas amorosas, muitas vezes carregadas de ansiedade.

Em menor escala, a adolescência também foi compreendida pelos participantes (alunos, professores e orientadores educacionais) como um momento de felicidade e de amadurecimento dos sonhos, contingente à aquisição de carreiras profissionais e consequente ascensão econômica e a metas de construção de família.

Esse dado parece se relacionar com o que foi discutido por Camargo, Abaid e Giacomoni (2011), que destacam que, em geral, a felicidade adolescente parece de fato estar ligada à posse de bens materiais, conquistas, muito com essa necessidade de valorização, aceitação e pertencimento ao mundo.

Nos debates especificamente sobre os possíveis determinantes do comportamento autolesivo, os estudantes deram ênfase à dificuldade da regulação emocional em momentos conflituosos, consigo ou com o outro, ocupando a autolesão esse lugar funcional, servindo como uma estratégia para enfrentar dificuldades emocionais ou interpessoais (Nock, 2009).

Aparece ainda, entre professores, orientadores educacionais e estudantes, temas como separação dos pais, falta de diálogo e compreensão da família, desconhecimento e/ou descontentamento do ser adolescente, transicionando entre infância e vida adulta, como predisponentes à autolesão. Cantone (2001) pondera que de fato esse momento da

adolescência é reconhecido por muitos conflitos, atritos e desgastes nos relacionamentos com a família, principalmente com os pais (Cantone, 2001).

Sugestões de Intervenções escolares para enfrentamento da autolesão

Os professores apresentaram a necessidade de formação de todos os docentes em relação à temática, destacando abordagens de escuta ativa e acolhimento e a identificação de professor referência por turma, facilitando uma ponte mais próxima de cuidado, o que concorda com os achados da pesquisa de Costa (2020), quando professores sinalizaram a importância de educação permanente sobre a autolesão.

Estes professores e orientadores educacionais acreditam que estratégias efetivas de intervenção passam por proporcionar momentos de rodas de conversa com os estudantes, aulas temáticas e/ou palestras em relação ao tema e o trabalho de competências socioemocionais dentro das disciplinas curriculares, com mais frequência, sem necessariamente separar um momento específico para trabalhar autolesão.

Sobre as competências socioemocionais, Abed (2017) concorda que devem ser inseridas na proposta pedagógica das escolas, para então considerar que os seres podem se desenvolver com integralidade.

Segue abaixo as ações desenvolvidas pelos professores e orientadores educacionais em suas escolas a partir do encerramento do curso ofertado dentro desta pesquisa:

Tabela 1

Síntese das Atividades Reportadas em Relatório pelos Participantes do Curso

Identificação do Participante	Atividades Desenvolvidas	Público- Alvo
Participante 1	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade coletiva: roda de conversa a partir do documentário AMARElo: é tudo para ontem; ● Atividade em sala de aula: Bingo das emoções- roda de conversa sobre as emoções mais presentes entre os estudantes; ● Atividade em sala de aula: Alfabeto Vivencial: onde os estudantes refletem 	Alunos das turmas de 8º e 9º ano

	sobre emoções e como as sentem;	
Participante 2 e 3	<ul style="list-style-type: none"> ● Roda de conversa abordando os desafios da adolescência e a autolesão como problema da escola 	Professores
Participante 4	Roda de conversa sobre prevenção a autolesão e ao suicídio	Alunos do 8º e 9º ano
Participante 5	<ul style="list-style-type: none"> ● Não completou o curso, não enviou relatório com descrição de atividades. 	Não se aplica.
Participantes 6 e 7	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividades pontuais para expressão das emoções dos alunos, trabalhando a empatia e acolhimento: Tudo para fora; A mensagem iluminada; Dentro de um abraço; Mapa do autocuidado. 	Alunos do 8º e 9º ano
Participantes 8 e 9	<ul style="list-style-type: none"> ● Clube de saúde mental: encontros semanais com os alunos para debater temas como racismo, preconceito, sofrimento adolescente etc. 	Estudantes em geral
Participante 10	<ul style="list-style-type: none"> ● Projeto Caixa da Esperança: formar pares de adolescentes para pensar e auxiliar no cuidado com alunos que depositam seus problemas numa caixa semanalmente. 	Estudantes em geral
Participante 11	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade em sala de aula: mandando a real e acenda a luz, trabalhando sobre a 	Alunos do 9º ano

	autolesão, seus motivos, e formas de evitar.	
--	--	--

Também foi utilizada como medida de follow up do curso com os professores uma avaliação feita a partir de formulário (google forms), onde 90, 9% disseram ter ampliado seus conhecimentos sobre o tema da autolesão, apresentando-se mais confiante para desenvolver ações de intervenção. Ainda, 100% dos participantes avaliaram que as estratégias sugeridas no curso são aplicáveis em suas escolas. Também 100% dos participantes acreditam que o curso deveria se estender a todos os professores da rede municipal de ensino de Sobral- Ce.

As colaboradoras terceirizadas participantes das rodas de conversa acreditam que intervenções funcionais passariam por aconselhamentos individuais a alunos identificados com a demanda autolesiva, e que estes deveriam ser realizados principalmente pela equipe gestora da escola. Entretanto, ao final da atividade reconheceram que poderiam ser eficientes no acolhimento inicial e encaminhamento do estudante para a gestão, expresso na fala de uma participante:

“É, pensando bem, até dá pra gente ouvir, dar um abraço, convencer eles a ir falar com o coordenador, com o psicólogo (orientador educacional). A gente ajuda até onde a gente aprendeu aqui né, principalmente não falando que é frescura. Depois a gente leva”.(Participante B).

Foi esse grupo de participantes que mais sugeriu o trabalho direto de orientação aos pais acerca da importância da afetividade familiar para a saúde mental dos estudantes como uma intervenção preventiva à autolesão. A pesquisa de Costa (2020) também acredita que é fundamental essa aproximação e implicação dos pais na construção de ambientes mais saudáveis.

Tangível às possíveis iniciativas de intervenção, os estudantes propuseram a criação e/ou ampliação de espaços para a expressão das emoções, quer seja em rodas de conversa, em palestras, em clubes de saúde e cuidado emocional. Elencaram que esse tema deveria ser mais trabalhado também nas aulas das disciplinas da base diversificada, como projeto de vida e formação humana, apresentado na fala da participante:

“Nas aulas diferentes, de formação humana, de projeto de vida, que são mais pra essas coisas pessoais, a gente quer

também falar, colocar pra forma mesmo as emoções. É importante as lições de vida que os professores trazem, mas às vezes ele nem precisa falar nada. Só abrir a discussão e deixar a gente desabafar mesmo”.

Reforçaram que todos os profissionais da escola, sobretudo os professores, deveriam passar por momentos de formação para saber lidar com o público adolescente e todas as suas especificidades, inclusive sobre a autolesão, suas causas, riscos e acolhimento empático.

Descreveram ainda que a escola poderia realizar campanhas educativas de conscientização dos adolescentes para a busca de estratégias mais eficientes de lidar com problemas tangíveis a saúde mental, como buscar ajuda profissional, conversar com profissionais de referência dentro da escola, sinalizar o orientador educacional ou à coordenação sobre sofrimento e/ou conflitos que possam desencadear a autolesão.

As sugestões dadas pelos estudantes concordam com estudos na área, onde se identifica três propostas prevalentes tangível à intervenções , sendo a primeira destinada à formação e treinamento de pessoas, a segunda direcionada a metodologias que facilitam a escuta dos sujeitos, e a terceira mais focada na dinamização de informações acerca do fenômeno (Escobar e cols., 2022); (Galvão e Pereira, 2014); (Gomes, Teles e Robalo, 2009); (Santos e Ribeiro, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que, embora os professores e orientadores educacionais e os demais colaboradores da escola reconheçam a importância de discutir temas como a autolesão, há um consenso sobre a necessidade de maior suporte teórico e prático para lidar com essas situações. Revela então a importância de intervenções educacionais direcionadas ao comportamento autolesivo, destacando a necessidade urgente de formação continuada para professores e colaboradores da escola.

A baixa adesão ao curso “Autolesão no Contexto Escolar: estratégias preventivas e interventivas” sugere uma resistência ou falta de prioridade em relação à formação voltada para questões socioemocionais. Reflete uma cultura educacional que ainda privilegia o currículo conteudista em detrimento de um enfoque integral que aborda também a saúde mental dos alunos, sobretudo quando não se responsabiliza pessoas ou grupos de forma mais objetiva.

As demais colaboradoras, por sua vez, enfatizaram a relevância de envolver a equipe gestora e sugeriram uma maior aproximação com os pais, destacando a importância da afetividade familiar como fator protetivo. Inclusive, a partir dessa constatação com o grupo de colaboradoras, estabelece-se a falta de atividade direcionada aos pais como uma limitação desta pesquisa, ao passo que se sugere a inclusão deste público em estudos futuros que objetivem construir de forma colaborativa sugestões de intervenção à autolesão.

Já os estudantes apontaram a necessidade de criar espaços de escuta e expressão emocional dentro da escola, além de campanhas educativas que promovam o diálogo sobre saúde mental e autolesão. A pesquisa confirma a urgência de integrar as competências socioemocionais ao cotidiano escolar, não apenas como uma iniciativa isolada, mas como parte essencial da formação dos alunos e do corpo docente.

As sugestões dos participantes, tanto profissionais quanto alunos, convergem para a necessidade de um ambiente escolar mais acolhedor e preparado para enfrentar os desafios da adolescência, incluindo a prevenção e o manejo da autolesão. Assim, a pesquisa não só contribui para a compreensão desse fenômeno no contexto escolar, mas também oferece diretrizes para ações futuras que visem transformar a escola em um espaço de cuidado integral e promoção do bem-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abed, A. L. Z. (2016). O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. *Construção Psicopedagógica*, 24 (25), 8-27.
- American Psychological Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Aratangy, E. W., et al. (2018). Como lidar com a automutilação: Guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação. São Paulo: Hogrefe.
- Barbour, L., Correa, N., & Sallee, E. (2021). Non-Suicidal Self-Injury (NSSI): What School Counselors Need to Know to Support Their Students. *Journal of school counseling*, 19(32), n32.
- Bastos, E. M. (2019). Automutilação de adolescentes: Um estudo de caso em escola pública de Fortaleza. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3 (3), 156-191.
- Bond, K. S., Lyons, J. N., Cottrill, F. A., Sabo, A. V., Baillie, S. E., Rossetto, A., Kelly, L., Kelly, C. M., Reavley, N. J., & Jorm, A. F. (2023). Avaliação das Conversas sobre Curso de Primeiros Socorros em Saúde: Efeitos sobre automutilação mental não suicida. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20 (3749).
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101.
- Camargo, S. P. H., Abaid, J. L. W., & Giacomoni, C. H. (2011). Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15, 241-250.
- Cantone, A. (2001). *Adolescência e família: A difícil arte de adolecer*. Rede Psicologia: Desenvolvimento Humano: Adolescência. São Paulo.
- Carroll, R., Metcalfe, C., & Gunnell, D. (2014). Hospital presenting self-harm and risk of fatal and non-fatal repetition: Systematic review and meta-analysis. *PloS ONE*, 9 (2), e89944.
- Cipriano, A., et al. (2022). Non-suicidal self-injury: A school-based peer education program for adolescents during COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 737544.
- Costa, L. C. R., et al. (2020). Autolesão não suicida e contexto escolar: Perspectivas de adolescentes e profissionais da educação. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, 16 (4), 39-48.
- Costa, L. C. R., et al. (2020). Autolesion no suicida y contexto escolar: Perspectivas de adolescentes y profesionales de la educación. *SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 16 (4), 39-48.

Csorba, J., et al. (2009). Clinical diagnoses, characteristics of risk behaviour, differences between suicidal and non-suicidal subgroups of Hungarian adolescent outpatients practising self-injury. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18 (5), 309-320.

Da Silva, W. J., & Pegoraro, R. F. (2023). Processos autolesivos na adolescência: A percepção de professores. *PSI UNISC*, 7 (2), 103-118. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v7i2.18112>.

De Arruda Silva, M. F., & Siqueira, A. C. (2017). O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura-RO. *Revista Farol*, 3 (3), 5-20.

Dinamarco, A. V. (2011). Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo).

Escobar, A. M. P. R., Arruda, M. F. A., & De Lorena Sobrinho, J. E. (2022). Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: Uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 11 (3), e0411326157.

Escobar, A. D. M. P. R., Arruda, M. D. F. A., & de Lorena Sobrinho, J. E. (2022). Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 11(3), e0411326157-e0411326157.

Fiocruz. (2024, fevereiro). Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil. *Fiocruz*. <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>.

Ferreira, L. S., et al. (2021). Autolesão na adolescência e a produção científica nacional: Revisão integrativa da literatura. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 29 (2), 43-53.

Franzen, M., et al. (2020). Emergency presentations to child and adolescent psychiatry: Nonsuicidal self-injury and suicidality. *Frontiers in Psychiatry*, 10, 979.

Gabriel, I. M., et al. (2020). Autolesão não suicida entre adolescentes: Significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. *Escola Anna Nery*, 24 (4), e20200050.

Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: Passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23 (1), 183-184.

Gomes, V. L. O., Telles, K. S., & Roballo, E. C. (2009). Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: Produção de conhecimento em saúde de adolescentes. *Escola Anna Nery*, 13, 856-862.

Hasking, P. A., Heath, N. L., Kaess, M., Lewis, S. P., Plener, P. L., Walsh, B. W., Whitlock, J., Wilson, M. S. (n.d.).

Hawton, K., Saunders, K. E. A., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *The Lancet*, 379 (9834), 2373-2382.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. (2021). Cartilha prevenção à autolesão: Conhecer para ajudar. Programa Educação Socioemocional. Belém, 16 p.
Jacomini, A. D. C., Lopes, D., & Ramos, M. D. G. (2023). Autolesão na adolescência pela perspectiva da psicologia escolar.

Kamazaki, D. F., & Dias, A. C. G. (2021). Intervenções para autolesão não suicida: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos clínicos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2008-. Vol.14, n. 1 (jan./abr. 2021), p. 228-251.

Krafta, L., et al. (2007). O método da pesquisa-ação: Um estudo em uma empresa de coleta e análise de dados. *Revista Quanti & Quali*.

Lieberman, R. (2004). Understanding and responding to students who self-mutilate. *Principal Leadership*, 4 (7), 10-13.

Ministério da Educação. (2018). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC. Recuperado de <http://mec.gov.br>, acesso em 24 de agosto de 2024.

Moreira, É. D. S., Vale, R. R. M. D., Caixeta, C. C., & Teixeira, R. A. G. (2020). Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3945-3954.

Neves, C. C. S., Pereira, A. P. C., & Pereira, C. A. S. (2020). Estratégias de prevenção do suicídio na escola para adolescentes: Uma revisão de literatura na base Medline. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-21. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3945>.
Oliveira, C. B. E., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: Intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15 (3), 217-224.

Oliveira, R. F., et al. (2020). Automutilação na adolescência: Fatores de risco e intervenções em ambientes escolares. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 30 (2), 189-200.

Ordem dos Psicólogos. (2020). Violência escolar: Linhas de apoio para a comunidade escolar. Lisboa: OP.

Organização Mundial da Saúde. (2017). Preventing suicide: A global imperative. Genebra: WHO.

Ozer, E. J., & Bandura, A. (1990). Mechanisms governing empowerment effects: A self-efficacy analysis. *Journal of personality and social psychology*, 58 (3), 472.

Peixoto, T. A., et al. (2022). Práticas educativas para o enfrentamento da autolesão em adolescentes: Experiências de profissionais da educação. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 31.

- Peppler, K. (2006). Socializing public school children into an adult-driven world. *Harvard Educational Review*, 76 (1), 132-135.
- Pinheiro, F. P. H. A., de Aquino, C. A. B., Vieira, E. M., Marques, N. S., Vieira, C. A. L., Cunha, E. S., ... & Rodrigues, H. M. P. (2023). Effects of school violence and work context on teachers' health. *Psico*, 54(1), e37756-e37756.
- Pozzi, L. S., & Silva, D. L. M. (2017). Prevalência e fatores de risco para a automutilação na adolescência. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 13 (3), 130-139.
- Santos, J. A. S., Barros, T. G. S., De Sordi, M. R., & Laurino, M. (2021). Automutilação na adolescência: Estudo sobre as dificuldades e desafios no contexto escolar. *Educação e Realidade*, 47 (4), 1-18.
- Santos, J. S., et al. (2020). Análise da produção científica sobre a automutilação e a intervenção em escolas brasileiras. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, 11 (1), 9-19.
- Santos, M. M. D., & Barros, T. G. D. S. (2021). Automutilação em adolescentes no contexto escolar: Revisão da literatura. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 15 (2), 64-78.
- Senra, S. E., et al. (2019). A automutilação como comportamento de risco no contexto escolar. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, 11 (2), 34-44.
- Simões, E. F., & Cunha, E. M. S. (2015). Automutilação em adolescentes: Revisão integrativa. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 11 (3), 113-123.
- Sousa, T. B., & Aquino, R. C. (2017). A escola na abordagem de comportamentos de risco e suas causas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (2), 400-413.
- Vasconcelos, S. S. (2013). Considerações sobre as práticas de intervenção na violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 8-16.
- Whitlock, J., et al. (2013). Nonsuicidal self-injury: The case for an ecological model. *Journal of youth and adolescence*, 42 (3), 327-338.
- Zuroff, D. C., & Blatt, S. J. (2006). The therapeutic relationship in the brief treatment of depression: Contributions to clinical improvement and enhanced adaptive capacities. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74 (1), 130.

APÊNDICE- RELATÓRIO TÉCNICO DE ASSESSORIA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Campus de Sobral
Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas
Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas

Relatório Técnico Conclusivo de Assessoria

Identificação da ação

Título	
Autolesão adolescente no contexto escolar: estratégias preventivas e interventivas.	
Linha de pesquisa	
Educação e Políticas Públicas	
Projeto de Pesquisa	
Intervenção ao comportamento autolesivo em estudantes adolescentes sobralenses: um delineamento cooperativo entre membros da comunidade escolar.	
Equipe de Trabalho	
Nome	Categoria
Jânder Carlos Soares Silva	Estudante de Pós-graduação

Detalhamento da ação

Instituição ou local em que a Assessoria foi Realizada

Secretária de Educação de Sobral-CE.

Período de Realização da Assessoria

10 de julho de 2023 a 10 de agosto de 2023.

Demanda

O município de Sobral, no interior do Ceará, figura com frequência entre os destaques nacionais no que tange aos resultados da educação básica, o que o coloca entre uma das melhores educação do país. Em 2017, tornou-se notícia por ocupar o primeiro lugar em educação no Brasil (CRUZ; LOUREIRO,2020).

Faz parte da política pública de educação de Sobral a implementação de escolas de tempo integral, que permitem aos alunos a permanência no ambiente escolar durante a maior parte do dia.

É nesse espaço de vivências intensas, sobretudo na perspectiva do ensino fundamental dos anos finais, que alunos que transicionam entre a fase infantil e adolescente deixam escancarar seus medos, ansiedades, conflitos intra e interpessoais, estabelecimento e/ou rompimento de vínculos etc. Essa transição é marcada por importantes alterações físicas, cognitivas, psicológicas e sociais, todas elas inter-relacionadas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

É também nesse espaço da escola que têm se observado, na literatura e também em Sobral, uma exacerbação dos comportamentos autolesivos. Dados de pesquisa de 2013 a 2014 demonstram que a violência autoprovocada foi notificada em 12,5% dos atendimentos ao público adolescente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Assim, cabe ao professor, outrora requerido essencialmente quanto à formação pedagógica/acadêmica dos estudantes, manejar situações de autolesão com as quais não pareciam familiarizados, e trabalhar com o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento.

Então, acolher as demandas dos professores frente ao tema da autolesão, formar esse grupo para a compreensão do fenômeno entre o público adolescente, explicar possibilidades de ações preventivas no ambiente escolar e proporcionar um treino de habilidades para o acolhimento do estudante que se engaja em comportamento autolesivo parece responder a demandas sucessivas endereçadas quase sempre a profissionais de saúde mental, especialmente aos psicólogos.

Ademais, inclui-se o trabalho com orientadores educacionais, psicólogos de formação, que também passaram a incluir às gestões escolares num presente recente, e requerem espaço de formação continuada para a demanda em questão.

Objetivo da Assessoria

Realizar um curso que facilite inicialmente a escuta das demandas trazidas por professores e orientadores educacionais, bem como de suas atuais práxis frente ao fenômeno da autolesão, para em seguida facilitar o treinamento destes sobre compreensão, prevenção e acolhimento de demandas relativas à autolesão no ambiente escolar.

Visamos qualificar os profissionais quanto ao entendimento do tema da autolesão no ambiente escolar, inserir estratégias de prevenção da autolesão no ambiente escolar como parte do currículo das disciplinas de formação humana e avaliar a generalização da

aprendizagem dos participantes do curso nas suas habilidades de promoção de estratégias de prevenção da autolesão no ambiente escolar.

Público-alvo

O público atingido diretamente foi composto por professores e orientadores educacionais, todos atuando em escolas da rede municipal de ensino de Sobral-CE. Como critério de inclusão, optou-se pelo trabalho com profissionais apenas nas escolas de ensino fundamental II, que atendem especificamente o público adolescente. Também incluíram-se apenas professores das disciplinas de projeto de vida e/ou formação humana, que trabalham com temáticas transversais nas escolas públicas.

Excluíram-se da pesquisa profissionais que não foram liberados pelas gestões pedagógicas de suas escolas para participar, em detrimento das rotinas das instituições.

Participaram 08 professores, sendo 05 mulheres e 03 homens, e 03 orientadores educacionais, sendo 02 homens e 01 mulher, de 08 escolas da rede. A média de idade dos participantes é de 35 anos, com tempo de trabalho na educação de Sobral variando entre 01 e 20 anos de exercício, divididos em escolas da sede municipal e dos distritos, o que afeta indiretamente um público aproximado de 1800 estudantes.

Fundamentação teórica

Quanto a sua natureza, essa pesquisa se propôs ser aplicada, uma vez que objetivou resolver um problema concreto, que necessitava de solução imediata. Trata-se de uma pesquisa-ação, uma abordagem metodológica que visa promover mudanças práticas e resolver problemas específicos através de um ciclo de planejamento, ação, observação e reflexão, cujo objetivo principal é a transformação social ou institucional, aliando a pesquisa científica com a prática cotidiana (THIOLLENT, 2022).

O curso foi proposto por se mostrar uma estratégia eficaz, uma vez que treina os profissionais para reconhecer sinais de sofrimento mental de estudantes, desenvolver habilidades de acolhimento, promover ações preventivas e realizar encaminhamentos apropriados (HASKING e cols., 2016); (BOND e cols., 2023); (NEVES; PEREIRA; PEREIRA, 2020); (PERSAUD; ROSENTHAL; ARORA, 2019).

Métodos e Procedimentos

O Curso Autolesão adolescente no contexto escolar: estratégias preventivas e interventivas ocorreu no formato presencial e on-line. Pensando na dinâmica de funcionamento da escola, e mais precisamente da rede municipal de educação de Sobral, escolheu-se como público alvo da formação os professores lotados nas disciplinas de Projeto de Vida e Formação Humana, que lidam diretamente com temáticas transversais dentro da sala de aula, e Orientadores Educacionais com formação em psicologia, que compõem às gestões escolares.

Cada encontro, sendo o primeiro e último presencial, e outros dois on-line tiveram duração de 4 horas, contendo momentos de exposição de conteúdos teóricos em formato dialogado, bem como vivências práticas entre o público participante.

As outras 4 horas se deram de forma prática, onde os participantes desenvolveram em suas escolas ações planejadas a partir dos conhecimentos obtidos no curso, consolidadas em relatório. Portanto, o curso totalizou 20 horas de carga horária, com consequente emissão de certificados aos participantes que tiveram mínimo de 75% de participação nos encontros.

O curso foi dividido por módulos, que se subdividiram em blocos, sendo estes organizados da seguinte forma:

Módulo I: Adolescência e suas transformações: saúde mental dessa população.

Bloco 1–Apresentação dos participantes do curso, apresentação do curso e Apresentação das características marcantes da adolescência; mudanças corporais, comportamentais e psicossociais. 2h

Bloco 2- Saúde mental do adolescente. 1h

Bloco 3- Roda de conversa com participantes: como percebe a saúde mental de seus estudantes?. 1h

Este módulo buscou facilitar uma introdução ao curso, bem como o motivo de sua criação. Também foi o primeiro momento para apresentações individuais, que ocorreu a partir de uma roda de conversa, onde cada participante dizia seu nome, formação, escola que representava.

Em seguida foi realizada a dinâmica “Caixa de achismos”, onde cada participante pegava uma frase sobre a adolescência, e a partir desta, poderia discorrer sobre sua realidade, experiência e compreensão acerca dessa fase do ciclo vital.

Ademais, o facilitador ministrou conteúdo teórico em slide acerca da adolescência e da saúde mental desse público, encerrando com uma roda de conversa sobre a realidade de cada participante frente ao tema.

Módulo II: Autolesão adolescente: características, determinantes sociais e formas de apresentação.

Bloco 4: Definições do fenômeno da autolesão e dados entre o público adolescente. 1h

Bloco 5 – Métodos da autolesão, fatores de risco e fatores protetivos. 1h

Bloco 6- Porque adolescentes se autolesionam? 2h

O segundo encontro tratou de exposição teórica por parte do facilitador, via reunião on-line com os participantes, com caráter formativo.

Módulo III: O papel da escola no enfrentamento a autolesão: desafios e possibilidades.

Bloco 7- O lugar da escola na formação cidadã; 1h

Bloco 8 – A BNCC e suas orientações; porque essas disciplinas existem no currículo; 1h

Bloco 9 – Temas a serem trabalhados numa perspectiva preventiva- 2h

O encontro também ocorreu na modalidade on-line, com início marcado por explanação teórica do facilitador. Em seguida, abriu-se para fórum de opiniões, onde cada participante poderia apresentar situações de autolesão no ambiente escolar, suas primeiras estratégias de intervenção, e manejos preventivos futuros a partir das discussões já desenvolvidas.

Módulo IV: Acolhimento ao adolescente que se autolesiona no contexto escolar. Redes de apoio e cuidado ao adolescente.

Bloco 10- Perfil de quem acolhe: quem é esse professor? - 1h

Bloco 11- Como acolher? Ferramentas para a prática- 2h

Bloco 12 – Rede intersetorial; com quem trabalhar, pra onde encaminhar- 1h

Este encontro tratou de exposição teórica por parte do facilitador, via reunião on-line com os participantes, com caráter formativo.

Módulo V: Oficina de Práticas no contexto escolar.

Bloco 13- execução da atividade; 3h

Bloco 14- Produção do relatório; 1h

Para encerrar o curso, cada participante se propôs a desenvolver ações em suas escolas de lotação, a partir das discussões fomentadas nos módulos anteriores. As ações foram documentadas e enviadas para o pesquisador e facilitador do curso, que devolveu feedbacks para cada participante individualmente.

Segue a tabela com as ações desenvolvidas, individualmente, ou em duplas, para as escolas que enviaram dois representantes.

PARTICIPANTE	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	PÚBLICO- ALVO
Participante 1	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade coletiva: roda de conversa a partir do documentário AMARElo: é tudo para ontem; ● Atividade em sala de aula: Bingo das emoções- roda de conversa sobre as emoções mais presentes entre os estudantes; ● Atividade em sala de aula: Alfabeto Vivencial: onde os estudantes refletem sobre emoções e como as sentem; 	Alunos das turmas de 8º e 9º ano
Participante 2 e 3	<ul style="list-style-type: none"> ● Roda de conversa abordando os desafios da adolescência e a autolesão como problema da escola 	Professores
Participante 4	Roda de conversa sobre prevenção a autolesão e ao suicídio	Alunos do 8º e 9º ano
Participante 5	<ul style="list-style-type: none"> ● Não completou o curso, não enviou relatório com descrição de atividades. 	Não se aplica.
Participantes 6 e 7	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividades pontuais para expressão das emoções dos alunos, trabalhando a empatia e acolhimento: Tudo para fora; A mensagem iluminada; Dentro de um abraço; Mapa do autocuidado. 	Alunos do 8º e 9º ano

Participantes 8 e 9	<ul style="list-style-type: none"> • Clube de saúde mental: encontros semanais com os alunos para debater temas como racismo, preconceito, sofrimento adolescente etc. 	Estudantes em geral
Participante 10	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Caixa da Esperança: formar pares de adolescentes para pensar e auxiliar no cuidado com alunos que depositam seus problemas numa caixa semanalmente. 	Estudantes em geral
Participante 11	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade em sala de aula: mandando a real e acenda a luz, trabalhando sobre a autolesão, seus motivos, e formas de evitar. 	Alunos do 9º ano

Impacto Quantitativo

Foram ao todo 11 participantes, que realizaram atividades em 08 escolas diferentes da rede municipal.

Resultados e Impacto Qualitativo

A formação para estes 11 profissionais de 08 escolas diferentes amplia o repertório de habilidades para o trabalho dentro da disciplina de formação humana e/ou no acolhimento individual com o estudante, bem como fomenta as ações de prevenção da autolesão nos ambientes escolares.

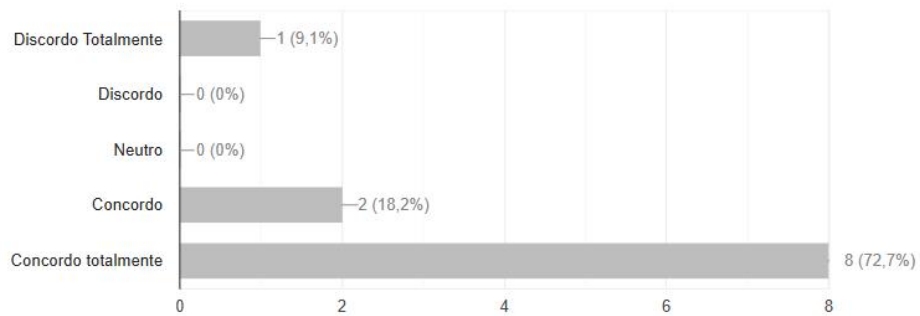
A formação teórica subsidia o domínio do tema, e amplia a destreza e ousadia dos profissionais para lidar com a temática de maneira mais assertiva, menos taxativa, mais acolhedora e criativa. Permite inserir o tema nas salas de aula, não invisibilizando sofrimentos e/ou dilemas, identificando demandas de cuidados mais complexas, criando uma rede de apoio dentro e fora da comunidade escolar.

A seguir, apresentam-se as avaliações do curso realizado via formulário google forms:

O curso aumentou meu entendimento sobre as causas e os fatores de risco da autolesão em jovens.

 Copiar

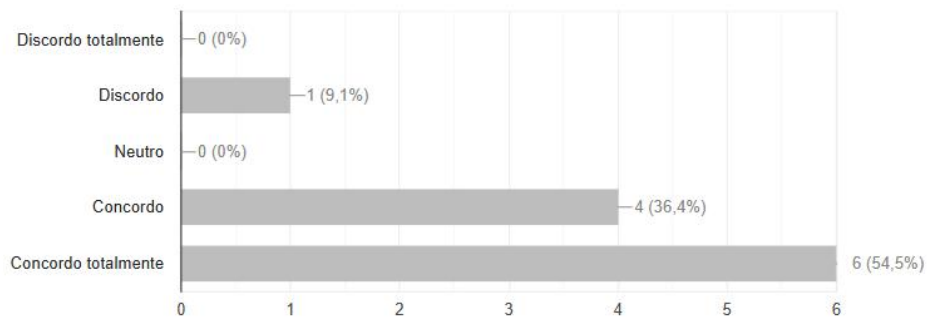
0 / 11 respostas corretas



Sinto-me mais confiante em identificar sinais de autolesão entre os estudantes após participar do curso.

 Copiar

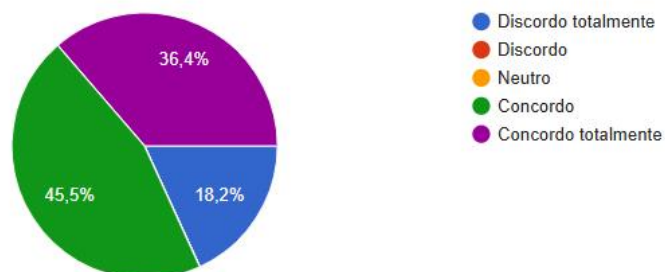
0 / 11 respostas corretas



O curso forneceu informações claras e práticas sobre como abordar a autolesão com os estudantes.

 Copiar

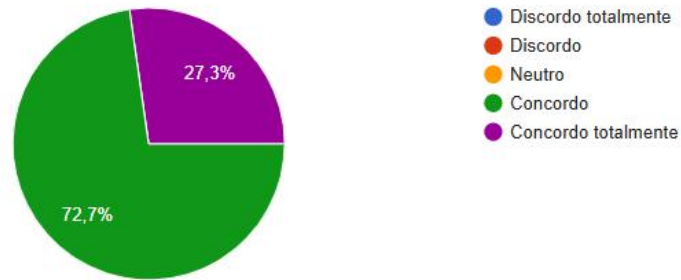
11 respostas



As estratégias sugeridas no curso são aplicáveis ao meu contexto escolar.

 Copiar

11 respostas



Sinto que o curso teve um impacto positivo na minha capacidade de apoiar estudantes que se autolesionam.

 Copiar

11 respostas



Acredito que este curso deve ser oferecido regularmente para educadores e profissionais da escola.

 Copiar

11 respostas



Abrangência Realizada

Abrangência Local, município de Sobral-Ce.

Abrangência Potencial

A partir da avaliação do curso e da devolutiva das atividades desenvolvidas a partir dessa formação, essa ação pode ser realizada com equipes de professores e/ou outros profissionais de outras redes municipais ou estaduais, haja vista a complexidade e expansão do fenômeno, associada a ainda carência de formação para a categoria tangível a essa temática.

Replicabilidade

Essa assessoria possui fácil replicabilidade, uma vez que a construção dela de forma modular atende à uma realidade presente em diversos contextos educacionais, e consegue atingir o público alvo com a preparação teórica necessária para ações que iniciam as mudanças culturais escolares nas formas de lidar com o fenômeno da autolesão ainda durante a o curso.

Uma vez que estrutura a ementa e os conteúdos abordados, pode ser realizada por outros profissionais, em contextos educacionais que demandem soluções para a problemática.

Complexidade

Apesar da facilidade de replicabilidade, o processo de operacionalização da assessoria possui complexidade alta devido à articulação com a Secretaria de Educação, a dispensação de professores e orientadores educacionais das suas escolas e/ ou atividades em sala de aula no momento de participação no curso.

Também consideramos a dificuldade de mobilização de um horário que atenda a contento os participantes, a compreensão por parte das gestões escolares da importância da representação de suas escolas nessa assessoria para a aquisição de novas práticas, a ainda priorização dos eventos/formações que deem enfoque apenas ao cognitivo.

Inovação

A proposta de educação integral apresenta em seu currículo as disciplinas de formação humana, porém os professores ainda não recebem formação específica para trabalharem com conteúdos e temáticas nessas aulas que se propõe mais dialogadas e ultrapassam aspectos da formação cognitiva.

O fenômeno da autolesão está cada vez mais presente no contexto escolar, e frequentes são as queixas dos profissionais das escolas relativas a necessidade de atender a

demanda, mas a pouca base teórica e prática para subsidiar as ações que conseguirão responder com efetividade o problema em questão.

Assim, os professores conseguem com esse curso adquirir essa base necessária para potencializar ações de prevenção e de cuidado, ao mesmo tempo que exploram temáticas importantes dentro de suas disciplinas de formação humana, que correlacionam-se de forma direta ou indiretamente com o fenômeno a que se propõe reduzir.

REFERÊNCIAS

LOUREIRO, Andre; CRUZ, Louise. Alcançando um nível de educação de excelência em condições socioeconômicas adversas: O caso de Sobral. Washington, D.C.: **World Bank**, 2020. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/778741594193637332/pdf/Achieving-World-Class-Education-in-Adverse-Socioeconomic-Conditions-The-Case-of-Sobral-in-Brazil.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 10. ed. Tradução de D. Bueno. Porto Alegre: **AMGH**, 2010. p. 395-462.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Viva: Vigilância de Violências e Acidentes: 2013 e 2014* [recurso eletrônico]. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2017. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2013_2014.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

BOND, K. S.; LYONS, J. N.; COTTRILL, F. A.; SABO, A. V.; BAILLIE, S. E.; ROSSETTO, A.; KELLY, L.; KELLY, C. M.; REAVLEY, N. J.; JORM, A. F. Avaliação das Conversas sobre Curso de Primeiros Socorros em Saúde: Efeitos sobre automutilação mental não suicida. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 3749, 20 fev. 2023.

HASKING, P. A.; HEATH, N. L.; KAESS, M.; LEWIS, S. P.; PLENER, P. L.; WALSH, B. W.; WHITLOCK, J.; WILSON, M. S. Documento de posição para orientar a resposta a não-suicidas automutilação nas escolas. **International Journal of School Psychology**.

NEVES, C. C. S.; PEREIRA, A. P. C.; PEREIRA, C. A. S. Estratégias de prevenção do suicídio na escola para adolescentes: uma revisão de literatura na base Medline. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3945>.

PERSAUD, S.; ROSENTHAL, L.; ARORA, P. G. Culturally informed gatekeeper training for youth suicide prevention in Guyana: a pilot examination. **School Psychology International**, v. 40, n. 6, p. 624-640, 2019.

ANEXO-PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA



DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROTOCOLO DE INTERVENÇÃO AO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ESTUDANTES ADOLESCENTES SOBRALENSES: O PAPEL DA ESCOLA NO ACOLHIMENTO A ESSAS DEMANDAS.
Pesquisador Responsável: JANDER CARLOS SOARES SILVA
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 78804824.1.0000.5046
Submetido em: 15/04/2024
Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL E CULTURAL DE QUIXADA
Situação da Versão do Projeto: Parecer Consubstanciado Emitido (Aprovado)
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2
 - Pendência de Parecer (PO) - Versão 2
 - Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção - Submis
 - Cronograma - Submissão 2
 - Declaração de Instituição e Infraestr
 - Declaração de Pesquisadores - Subr
 - Folha de Rosto - Submissão 2
 - Informações Básicas do Projeto - Su
 - Outros - Submissão 2
 - Projeto Detalhado / Brochura Investi
 - Recurso Anexado pelo Pesquisador
 - Solicitação Assinada pelo Pesquisad
 - TCLE / Termos de Assentimento / Ju
 - Apreciação 2 - Centro Universitário Cató
 - Projeto Original (PO) - Versão 1
 - Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção - Submis
 - Cronograma - Submissão 1
 - Declaração de Instituição e Infraestr
 - Declaração de Pesquisadores - Subr
 - Folha de Rosto - Submissão 1
 - Informações Básicas do Projeto - Su
 - Projeto Detalhado / Brochura Investi
 - Recurso Anexado pelo Pesquisador
 - Solicitação Assinada pelo Pesquisad

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------

LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Recepção	Submissão	Modificação	Primeira Submissão	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ação
PO	JANDER CARLOS SOARES SILVA	2	22/04/2024	15/04/2024	25/04/2024	07/04/2024	Parecer Consubstanciado Emitido(Aprovado)	Não	

HISTÓRICO DE TRÂMITES

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Autor	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	25/04/2024 15:00:49	Parecer liberado	2		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	PESQUISADOR	
PO	25/04/2024 14:58:01	Parecer do colegiado emitido	2		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	
PO	23/04/2024 17:21:13	Parecer do relator emitido	2		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	
PO	23/04/2024 17:18:47	Aceitação de Elaboração de Relatoria	2		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	
PO	22/04/2024 10:47:07	Confirmação de Indicação de Relatoria	2		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	
PO	22/04/2024 10:40:53	Indicação de Relatoria	2		Secretária	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica	

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Autor	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	22/04/2024 10:40:36	Aceitação do PP	2		Secretária	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	
PO	15/04/2024 23:32:54	Submetido para avaliação do CEP	2		Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	
PO	11/04/2024 09:14:22	Parecer liberado	1		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	PESQUISADOR	
PO	11/04/2024 09:08:31	Parecer do colegiado emitido	1		Coordenador	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá - Uicatólica	

Ocorrência 1 a 10 de 16 registro(s)



LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

